

№5.  
4-5

ARCO

&

FLEXA

1929  
BAHIA



*Chiacchio*

# ADCO & FLEXA

MEMBARIO DE CULTURA MODERNA

## SUMARIO:

*Carlos*

CARLOS CHIACCHIO

O homem velho o homem novo (ensaio)

CARVALHO FILHO

Rapsodia negra (verso)

EUGENIO GOMES

Poemas de amor »

» »

Pedras falsas (proza)

JANUARIO TELLES

Bodas de prata (cronica)

J. DA SILVA CAMPOS

Notas folqueloricas (critica)

PINTO DE AGUIAR

De como eu vi a vida (proza)

» » »

Noites de luar (verso)

AGRIPINO DE ALCANTARA

Sentidos de beleza (proza)

RAMAYANA DE CHEVALIER

Elegancias (verso)

JOSÉ QUEIROZ JUNIOR

Ritual de boemio (proza)

ARTHUR DE SALLES

Coqueiros (verso)

EURICO ALVES

Zabiapunga (verso)

CASTELLAR SAMPAIO

Cananga do Dique (novela)

HELIO SIMÕES

O meu cantico dos canticos (verso)

PINHEIRO DE LEMOS

Sotãozinho da Sé (conto)

LAFAYETTE SPINOLA

A fuga da estatua (verso)

HEITOR ALVES

Fandango (verso)

RAUL BOPP

Putirum (verso)

RAFAEL BARBOSA

Até lá (proza)

JAYME GRIZ

Samba (verso)

DAMASCENO FILHO

Elojio dos primeiros sacrificados (poema)

## NOTICIARIO

ARTIGOS DE:

NESTOR VICTOR, SUD MENNUCCI, RENATO ALMEIDA,  
OSORIO BORBA, SAMUEL CAMPELLO



## AUTOGRAFOS

DEDICATORIA: \_\_\_\_\_

JOS CARLOS

farecer. ire um exemplar da 2.<sup>a</sup> edição das minhas "Colunas" e outro, também da 2.<sup>a</sup>, de "Astros e Sismos", que talvez não conheça.

Enviar-lhe-ei, igualmente, "Eucrasia brada" e "Rosa de Rythmos", caso não os possua.

Provo, com isto, o interesse e a admiração com que acompanho, d'aqui, a projecção luminosa do seu grande espirito na literatura nacional

Sou seu confrade e admirador  
estremos

Jos Carlos

Rua Francisco Eugênio, 338. Rio de Janeiro





ARCO & FLEXA



# PANDEIRO

PARA MEU PADRINHO  
DR. CEZAR DE ARAUJO

*Meu pandeiro*  
*E' um riso*  
*Rodando*  
*Brincando*  
*Bailando*  
*No ar*

*Tem fitas de cores*  
*Se veste de guizos*  
*Parece de lua*  
*Essa "miss" bonita*  
*Que brinca de nua*  
*Se fica a rodar*  
*Pelos dedos de espuma*  
*Colorida do mar*

*Meu pandeiro*  
*E' um riso*  
*Rodando*  
*Brincando*  
*Bailando*  
*No ar*

RAFAELINA CHIACCHIO



O  
homem velho  
e o  
homem novo (\*)

**Confronto de idéas**



espirito do homem integral repele a convenção das desavenças de idade. Eu vou falar do homem novo e do homem velho. O homem velho e o homem novo podem figurar perfeitamente a par e par no mesmo banquete do espirito. Simples e forte, coeso e uno, eis o espirito do homem integral. A mocidade do gesto não está no sacudir os ombros com irreverencia á velhice. Nem apontar uma ruga no rosto do passado. Nem no florear um epigrama contra os ridiculos da decadencia. Nem no dandinar uma bengala entre os dedos. Nem reluzir um revolver, ou fachear uma faca. O murro, o tombo, a carga nos safanões do atletismo que caracteriza as «gerações do pontapé», no dizer caustico de José Agostinho, não são marcas da melhor mocidade. A surriada, o mau modo, a pressa de chegar, a ansia de preterir, o desdem de olhar, o finjir desconhecer, a flacidez de cumprimentar, a displicencia de falar, o julgar-se superior por assomos olimpicos, o simular idéas praticas por egoismos reconditos, o condemnar idealismos por desvios de mentalidade, o mercantilizar a vida social em nome de lucros proximos, o reduzir o trabalho humano á função formilhante de me-alheiros infecundos, o transformar as aspirações do ser em impulsões do vejetar, ceder o cerebro ao dominio do musculo, dobrar o joelho e não levantar a fronte, mãos postas de rôgo ao invés do pulso erguido na luta, não conservar os seus ritmos, nem manter a elegancia moral dos seus actos, todo esse cumulo de

(\*) Lido no banquete em homenagem a RAFAEL BARBOSA.





desvirilização da raça, que triunfou pela investida, pela coragem, pela energia, envergonha a nossa época, rebaixa o nosso século. Esse não é o molde do perfeito cavalheiro moderno, que substituiu a cota de malhas pelo fecho rápido das metralhadoras, que relegou a adaga pelo florete ajil, que trocou o escudo o arnês, o elmo e a lança, pela pena e o buril, a pautas e o pincel. A idade nova ridiculiza o homem antigo, mas o não igualha em valor individual. O valor moderno está na máquina múltipla, que matou o espírito simples. « Isso matou aquilo », confirme-se a profecia de Claudio Frolo. Os verdadeiros homens são os que continuam homens, apesar da máquina, isto é, com nervos, fibras, células e músculos vibrados da força do ideal e do prestígio do sonho. O sonho é que realiza. Realizar o tipo novo não é desaproveitar o superfluo. É utilizar o inútil, transformando-o em beleza, ação, eficiência. O homem é solidário no tempo e no espaço ao homem. Velhos e novos se integram no eterno crisol de humanidade. Interromper os elos dessa união espiritualíssima, a título de reformar a vida, segundo o figurino das oficinas do absurdo, é tentar criar uma fisiologia à parte do organismo universal.

Nenhuma novidade pode vingar sem o controle dinâmico da experiência. Somos o ontem, como somos o amanhã. O que não seremos é o hoje, o precário, o transitório, o efêmero, o ilógico da ilusão dos nossos sentidos e das nossas fatuidades. A arte, como a ciência, a filosofia, como a história, a erudição, como a poesia, não podem obedecer às modas volúveis dos ateliers da inteligência. O espírito de continuidade acumula-se, estratificando-se, depurando-se, aperfeiçoando-se, e, sobretudo, adaptando-se, de acordo com as leis da necessidade. Mas há leis intangíveis que presidem à formação dos indivíduos. Ninguém, por isso, é criador de si mesmo, senão criando-se ao lado de outros. Outros, que foram criados pelo mesmo esplendor fecundo da continuidade, sem epítetos de velha ou nova, no perenne anonimato das revoluções da própria vida. A idade média foi a noite da história, diz-se. Mas que ficou dessa noite, senão o espírito do ideal, esse arranco de plumula ao vento, esse soberbo ímpeto de asas para o alto? Concordemos. No momento, vence o utilitarismo. Mas nem tudo deve ser sacrificado ao vencedor. Em letras, pelo menos. Chacoteia-se o encanto das varandas floridas pelo gozo das alcovas bebidas de tóxicos. Mata-se o clarão da lua, mas acende-se um cigarro de canfora. Apedreja-se o beijo de Julieta, mas endeosa-se o cancan da jigolite. O gênio de Shakespeare preterido pelo inventor de bujigangas. O cabaré substituindo o altar. A sarjeta sobrepairando o supedâneo. A glória barateada em moedas de vintem pelas mãos de genialoides de cartaz. O ritmo alto dos poetas cíclicos cacarejado no azoar de traquitanas bordalengas. É o delírio esparregado em eter de flores doentias



do pantano. Madames cinemas, cocotes morfins, canalhices grimponas em forma de galinaceos pulantes da giria, acordelados pelo reclamo repercutido a mil vozes da imprensa, do livro e da tribuna. O homem velho e o homem novo acamaradam-se no crasso muladar trepidante de viver regressando a vida. Salvese, porem, o homem novo e o homem velho, que se compenetraram do mesmo sentido moral das reconstruções do mundo. Cultura, caracter, talento, eis a triade redentora.

Eu saúdo esse advento nas exceções magnificas dos nossos valores novíssimos.

### Balanço de forças

O que ainda nos enche de apreensões terriveis em face do homem novo proclamador dos proprios meritos na vangloria commum de aquisições culturaes, é a plasticidade de cêra com que se arrima ou acomoda nas situações exigentes da luta pela vida. Ha uma vergonha peor do que os descalabros das Caixas de Amortização, dos porões das Alfandegas, dos guichés das Recebedorias, ou das burras dos Tesouros. E' essa volupia desabrida pelo ganho pronto em nome dos prazeres materiaes immediatos. Essa tendencia da redução do esforço em favor do maximo provento no minimo de tempo, faz que o falso homem novo salte dos colejos, dos ginasios, das academias, com a ruidosa gana de deslocar dos postos conquistados o homem velho, que se recolhe no pudor das concurrencias humilhantes, para dar caminho ás tropelias do engodo, da farsa e da depredação. Com o campo aberto ás victorias de pechisbeque, o falso homem novo espinoteia nos trampolins da vida moderna, como se ao bestunto duns reformadores de tudo, fosse feira de canibaes com a profissão de fantasiar primores que ficam só na fantasia... Não creio que das varias pseudo-conquistas que por ali se pregoam possamos apurar grandes coisas. O balanço fiel das obras do homem velho nas relações das que se dizem realizadas pelo homem novo, demonstraria o que existe é ainda um aproveitamento de migalhas doiradas que o pulso do passado deixou esbatidas no tempo. De facto. Que tem feito o homem novo senão aproveitar essas proprias migalhas contra os seus testadores de minas? Que tem produzido no dominio das artes, das letras, das sciencias, das construções, dos inventos, das descobertas, de todos os grandes achados da civilização e do progresso, o homem novo, sobretudo, o do Brasil, que agora pega da mania de renovação, por desbarato ou balburdia do quanto consolidadamente nos veio do passado, principalmente do ponto de vista literario, que é o nosso ponto de vista nesta parlenga? Nada senão discutir idades, discutir gerações, discutir escolas, discutir vanguardas, discutir movi-





mentos, na ideação de reformas como se de idéas de reformas não estivesse farto o inferno. Mas convenhamos que o criterio de idades só tem merito na confabulação dos campeonatos. No terreno das idéas esse apuro de forças nada significa senão quanto á excelencia do sangue nas irrigações do cerebro. Quebrado o equilibrio da hijidez organica, tanto vale o velho que claudica nos ritmos do coração, quanto o novo que tropeça nos desatinos do esporte. A idade não tem valor absoluto que valha as hostilidades do apodo, ou as concessões colectivas do laurel.

Os grandes creadores do passado no plano das actividades do espirito ou da ação plantaram sistemas que obedeceram a certas imposições das relatividades da epoca. Foram tão moços como os moços de hoje, que então lhes rastreiam as irradiações, quando mais não seja, para negá-las, sem crear outras, para agredi-las, sem instalar novas. A escoria do parasitismo intelectual, nas novas gerações literarias do Brasil, se particulariza por essa ridicula distincção do homem velho e do homem novo, quando são preocupações, essas, de mediocre interesse, no alto exame das aspirações da hora. As formas do pensamento não têm gerações fixadas, ou delimitadas, por esse criterio de idades. Ha idéas de hoje que são da era dos banquetes de Platão. O espirito da verdadeira cultura repudia esse narcisismo, só admissivel nas competições espectaculares dos musculos ajeis. Ajilidade é até uma expressão da moda entre modernos. Contaminação do esportismo alastrante por todos os angulos da terra. Mas os homens de intelijencia não devem cojitar da meninice de Rimbaud escrevendo «Iluminuras,» nem da senectude de Victor Hugo traçando a «Arte de ser avô.» Só os atletas discutem pesos, idades e gerações. Só os mediocres averigúam a exactidão das matriculas nesse ou naquelle clube de letras, biografando iniciativas, pulseando performances, restringindo cenaculos.

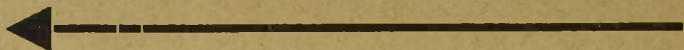
Se a obra de uma epoca fosse esse rastacuerismo de investigar de quem partiu a primeira idéa de um movimento, ou de que lado estão os novos e velhos de um credo qualquer, teriamos abolido o criterio da cultura geral, que só se impõe por esse impulso de colaboração indistincta, esse conjunto, essa depuração maravilhosa do concurso de todos. Até pôrque difficil, senão impossivel, será verificar de que ponto exacto no horizonte parte o primeiro raio de sol. Sabemos que a luz nos chega em turbilhão difuso. Assim a florada das idéas novas. Rompem de subito no mesmo tempo em varios cerebros que pensam sob os mesmos zodiacos da civilisação. São obra da cultura que nivela no mesmo instante aspirações de varios rumos. Ahí é que vale a graça heril de um coeficiente mental de produção, que envolva novos e velhos num só abraço magnifico de creação unanime.



### A lição de Marañon

Eu vou citar para vocês, eu que não sou amigo de citações, essa longa mas oportuna página de Gregorio Marañon, o grande escritor medico de Espanha, que une aos saberes do biologista eminente as argucias de um filosofo critico: «Não creio que a juventude de uma epoca determinada tenha jamais caracteres especiaes que permitam distingui-la das outras gerações existentes na mesma etapa historica. Para que um modo de ser colectivo tenha traços proprios é mister que transcorram muito mais anos que aqueles que separam a creança de peito de seu tataravô centenario. Com muito mais razão é impossivel diferenciar os chamados jovens dos chamados homens maduros e dos chamados velhos. O mesmo signo historico marcou a vida de todos eles. Os pretensos traços que os separam, e que uns e outros tomam tão a serio, são meros accidentes, modos e modas sem transcendencia, como os que surjem entre os habitantes de dois povoados vizinhos ou entre os vizinhos de uma mesma casa da vizinhança. O viajante que passa pela historia com um criterio panoramico, profundo, e não scismografico, não detem sua atenção nesta ninharia. A ninguém que não seja tambem um espirito mesquinho se lhe ocorre tomar por abismos formidaveis os pequenos corregos. Assim, pois, os jovens de agora, em seu aspecto colectivo, são como os velhos de agora: mais cultos e menos desinteressados; mais cinicos; mais velozes e menos retóricos que os jovens e os velhos de ha duzentos anos. Dois lustros de mais ou de menos nada significam na biolojia das gerações. Ha homens de sessenta anos que possuem uma forte orijinalidade e uma indomavel rebeldia — o essencial da juventude — E jovens de vinte e cinco anos incapazes de nada novo e atrevido, além de sair á rua sem chapéo ou do eliminar de seus escritos as maiusculas. Tenho visto, querido Jimenez Caballero (director do jornal a que se dirijia) a bordo dos aviões tantos seres imberbes como cabeças propectas e encanecidas. Se algo caracteriza profundamente a nossa epoca, é, sem duvida, a velocidade. Nós outros, porém, os jovens e semijovens, não podemos jactar-nos de que a velocidade seja uma conquista nossa. A revolução do tempo e da distancia fizeram-na homens que são hoje quase todos velhinhos. Nós nos limitamos a utilizar sua invenção e não devemos envaidecer-nos disso. Para mim, juventude é somente isto: orijinalidade autentica; quer dizer, fundamental e não formal, e ademais rebelião contra os obstaculos que entorpecem o progresso humano: ignorancia, egoismo, vaidade do material, fascismo. E a velhice, o contrario: servidão ao estabelecido, adaptação, incapacidade de indignação contra coisas que não nos afetem diretamente. Se com este padrão classifico a meus contemporaneos, o mito da idade, em seu puro sentido cronolojico, se desvanece. Resta apenas o padrão historico, que não é ca-





paz de apreciar os pormenores mesquinhos. E o padrão etico, eterno, que só distingue aos bons e aos maus, sem pedir-lhes a fé de batismo.»

Assim fala o novo Zaratrusta da literatura scientifica espanhola ás gerações de sua patria, nessa pajina que vulgarizo, não só como reforço de idéas minhas, antes dele proclamadas, senão também como doutrina do que é na realidade o fenomeno da cultura moderna, sem esses exclusivismos antipaticos, sobre prejudiciaes, do homem velho e do homem novo, hoje empenhados na luta desigual de rejuvenecimentos reciprocos. Valem mais que os Voronofs os Marañons. Nós precisaríamos repetir esse mesmo inquerito entre os directores do pensamento brasileiro, que a « Gaceta Literaria », de Madrid, numero de fevereiro deste ano, está procedendo com a pergunta de como vêm os velhos aos novos de seu paiz. Porque seria interessante indagar das características do homem novo no Brasil, quanto ao que pode ou deve ser a sua actuação como elemento integralizador de uma patria que vae nascer desses embates, sem rumo nem ideal, das noções do tempo, assim tão atabalhoadas e desritmadas nos desengonços da patuléa crescente nos esportes, nas letras, nas artes e nas sciencias. Que é digno de consideração o indice meritorio de uma geração responsavel dos nossos destinos de amanha, distribuida irregularmente em tipos que escalam os ambientes de maior pressão na feitura dos caracteres, que se dispersam nas camaras ardentes dos nossos parlamentos formadores ou deformadores dos nossos habitos politicos, que se multiplicam nos scenarios dos nossos costumes nacionais, que se aforçuram nos galarins das nossas visões estéticas, que vingam as funções publicas, sobem as cathedras professoraes, enchem os balcões mercantis, tumultuam as arquibancadas esportivas, trepidam nos cabarés, acantonam nas tascas, esmadrigam nos livros, pousam nas revistas, alastram nos jornaes. Era bem de ponderar que esses tipos são capazes de moldar á sua feição as massas com que mais directamente se communicam. Era de vêr que o exame de conjunto não excluía a pormenorização destes ou daqueles que, por estimulo de concorrência, ou indole natural de perfeição, fossem as figuras-normas do homem novo capaz de erguer na taça dos idealismos creadores aquela flor de triunfo pompeante da parabola estupenda de Rodó. Eu dou como feita a inquirição lembrada, e lhes vou oferecer o exemplo de alguem, que figura ao lado de outros, muitos outros, iguaes a ele, que poderiam ser do mesmo passo aqui citados, como exemplos de exceção no tumultuar despudorado das figurinhas de agora. Mas que não o farei, de maneira fortuita, senão documentada, e a seu devido momento, como, aliás, já o tenho feito. Esse alguem, vocês estão sabendo, é Rafael Barbosa. Vejamo-lo, como homem e como poeta, a um só tempo, que o tempo é para ser aproveitado nas experiencias da critica dos homens e das obras do tempo.



## RAFAEL BARBOSA

## O poeta e o homem

O mundo na obra de concepção subjectiva de Rafael Barbosa tem de facto uma expressão de modernidade intensa. Ou porque se lhe acendem os olhos nos espelismos claros do momento, ou porque se lhe aguçam os ouvidos nas finas tonalidades das nuanças, o certo é que, como poeta, — e essa é a nota fundamental do joven escritor, — a sua poesia é uma seleção do que mais alto fulja ou do que mais novo predomine. A vida é uma fuga sonora dos sentidos. Não lhe pára o esforço, porém, de controlá-la nos desenhos avulsos que as asas descrevem através do turbilhão. Rola continuamente a sombra. Continuamente deslisa a luz. Mas a sua poesia paira nesse claroescuro da transformação das coisas. Fixa essas cambiantes sutilissimas dos tons evolutivos. Tal se no verbo plastico do artista se caldeassem os visualismos diferenciaes dum pintor. Não são raros esses temperamentos sensiveis ao equilibrio das gradações. Mas, em Rafael, essa sensibilidade da harmonia redundava em prestijio excepcional, porque, além da virtude de commover-se, possui o dom da expressão mais exacta. Não lhe acodem em roldão os aspectos do mundo exterior. Não lhe cumulam os epitetos, a serviço dos falsos coloridos. Não lhe desbordam as frases em ampliações preconcebidas. Os materiaes de sua arte de realizar-se em formas intelijiveis recommendam-se pela incorruptibilidade do valor proprio, seguro, unico. Ouro de lei. Dessa característica do luminoso combinado ao nebuloso na retorta instintiva de seus dons expressioaes de fixador de idéas e emoções, nasce essa distinção, essa clareza, essa harmonia, que são os tres elementos dominantes de sua poetica. Nem será preciso admitir um melhor entendimento aferidor de prestimos artisticos, com precisões taes de peso e medida, que não falseem os juizos criticos, para surpreender nos versos esparsos do poeta os lojicos reflexos da obra do homem, e deduzir as formas de nevoa e sol que ela revistirá na fluidez encantadora de seus ritmos. Tudo indica no conjunto uma coerencia intima entre o creador e a sua criação. Aqui, sim, podemos repetir o velho brocardo literario de que « o estilo é o homem ». Claro que em face de uma poesia, marcadamente orijinal, como a de Rafael Barbosa, orijinal pela eleição personalissima dos temas, ora frivolos, ora profundos, segundo as alternativas sensoriaes que a matizam e regulam, e pela maneira toda sua de a recortar e transpôr em imajens concisas, não é honesto conjecturar influencias nem filiações. Essa crítica de « influencias » é falha como todos os lugares communs da critica. Mas é possivel estabelecer e assinalar preferencias e simpatias, não por esses ou aqueles poetas, porém, por certas e determinadas correntes, que mais o im-





pressionam ou seduzem. Não ha outro meio de reconhecer de pronto a familia dos escritores. Se fosse dado escolher a um homem de hoje o mundo literario que melhor o satisfizesse na procura de sua verdade estetica, Rafael não quereia outro que não fosse o ciclo libertario dos simbolistas. Mas dos simbolistas que soubessem lavar as brumas em jorros de sol, que desfilassem os sonhos como figuras tanjiveis. Porque o seu feitio aristocratico se enquadra bem na categoria daqueles que, embora creadores abstratos, não se dispensam da luminosidade da expressão concreta. Ainda hoje a arte dos hermeticos continúa uma incognita verbal em plena historia das letras. E a Rafael repugnam os contrasensos das ideolojias derramadas, como as concentrações asfixiantes dos modismos dosimetricos. Em tudo procura o equilibrio, o senso, a proporção. Aos parnasianos não desdenharia pertencer, como não refujiria aos romanticos, contanto que, daqueles contasse a porção de artificio que teria de desbastar dos « marmores divinos » sem « estremecimentos humanos », e destes, todo o destrambelhado da pieguice e da debilidade mental, porque, acima dos transbordamentos liricos e abaixo das fulgurações prosaicas, posto acabadas, firmes, perfeitas, coloca o seu sonho de vida, sincera, multipla, harmoniosa.

### « Caixa de Musica »

Tamanha é a verdade dessa notação, que o seu ideal se geometriza num angulo das coisas. Para ele a vida cabe num retangulo de caixa. Mas que não seja uma caixa qualquer, miniatura de caixa vulgar, essa, por exemplo, em que nos ha de recolher a morte. Caixa sutil, pequenina, leve, como um brinquedo de creança. Mas que tenha vida como as nossas recordações. Caixa que fale manso como os ninhos. Sem estrepitos, nem clangores, como os rataplans monotonos das caixas de guerra, porem, caixa de paz, como a gaiola dos passaros, resoando nos veludos do som, em surdina, serrazinando, grazinando, sonorizando, macia, suave e serena, como um cicio, ou uma caricia de infancia.

Essa é a « Caixa de Musica » dos seus versos.

Traquinas como abelhas no reboiço da colmeia, apenas nos querem cantar no ouvido o sussurro tremulo das asas. Fluem-lhe amavios de mel como um fio de segredos, medidos pelos ritmos do coração, que é uma abelheira tambem, a bulhar ness'outra caixa do torace. Ouçamo-la como se do fundo da memoria ecoasse o ruido das passadas do tempo:

*Din-dlon-dlin . . .*

*-- a cada inquieta pulsação, pequenino, infantil,  
meu coração é bem uma caixa de musica . . .*



*Anda sempre a girar, sempre a mover,  
e escuta-o só a alma criança,  
a alma menina dos meus dias bons.*

*Põe-no a cantar o estilete febril das paixões,  
— dlin-dlon —  
das emoções desordenadas.*

*Marcham, marcialmente, os meus desejos  
— soldadinhos de chumbo aos teus caprichos . . .  
E baila, a essa harmonia de mistério,  
a farandula incorporea dos meus sonhos.*

*Dansa, outras vezes, o urso negro e brutal de uma desilusão,  
pesado e feio como um corpo inutil.*

*E são canticos dolentes, marchas funebres da sorte,  
e clarinadas pagãs de horas claras de alegria  
— o meu sonoro coração cantando! . . .*

Ainda aqui, «Caixa de Música», é um simbolo. E como tal sintetiza pela sua leveza e pela sua essencia a brevidade e a profundidade do nosso caso. Esses toques minimos alargam-se no ambito da memoria. Crescem as figurações do enjenho que plasmou entre quatro taboas sonoras a clausura tagarela do metal em cujo bojo se debatem mas se equilibram os pendores da arte e os impetos da vida. Arte e vida se harmonizam em todo o canto prisioneiro, que sôa como uma expressão de candura e de saudade:

*Frade, convento frade !  
— Frade !  
Aonde quer que mande ?  
— Mande !  
A' boca do mundo ?  
— Mundo !  
Vamos em busca da Felicidade ?  
— Vamos !*

*E até hoje não voltou a meninada injenua dos meus sonhos.*

Assim, por mais aspera, trepada, ou tumultuante se lhe afigure a vida de hoje, a sua preferencia é clara pelo mais tranquilo, mais repoisante, mais contemplativo, aquele lado melhor e mais distante, cada vez mais distante dos ou-



tros, aquele que mais fundo sulque nas impressões de um evocador do quotidiano da vida que se foi... Razão porque o frívolo brilhante possui notulas de merito na sucessão dos seus flagrantes liricos. Vejamos que, para representar o seu pensamento de homem novo em face do amor, tomado a serio pela escola de Freud, nos produtos da arte contemporanea, vae ainda aos bazares da infancia buscar simbolismos e tabús de palha dos bonecos. Polichinelo, titulo de um desses simbolos imaginarios, exprime a contento esse poder plastico de transfigurar:

*Todo vestido de cores,  
menos de seda que de trapos vis,  
saracoteia o meu desejo ás tuas mãos inatinjidas,  
E pincha, como um boneco de mola,  
encantador no seu delirio  
e alucinado na sua embriaguês.*

*Parece um doido — o meu desejo !*

*Fosses, como imagino,  
uma boneca leviana aos meus sentidos,  
e esse polichinelo fremente,  
todo feito de alma e nervos do meu corpo,  
brincaria comtigo e morreria em teus labios,*

*Vês, afinal, que é muito pouco o meu desejo,  
cabendo assim em tuas mãos,  
morrendo assim em tua boca...*

Vê-se ahi que vibra a força das sínteses emocionaes. Porque Raíael não faz sínteses, simplesmente vocabulares, de forma. Também faz e, sobretudo, sínteses de emoções, que condensam num surto unico, um mundo de verdades varias. Todos sabem a lenda de Yara. É um tipo do folqulore brasileiro. Tratado já por muitos poetas que lhe não dispensam, na caracterização geografica da lenda, a côr minuciosa dos seus cabelos e olhos, toda o seu singular paganismo de criação espontanea das raças meninas da America. Pois é de vêr como o poeta das sínteses emotivas apenas lhe aproveita o sentido de lenda para um transunto de poesia, que lembra um beneditino manipulador, a extrair das rosas o necessario á sua deliciosa quimica de aromas:

*Como um rio, ao luar, de ondas tranquilas  
este amor.*



*Boiando ás aguas, como flôr de espuma,  
um vulto esguio  
passa.*

*E foje, e vae, num halo de santidade pagã,  
perder-se alem nas sombras humidas da noite.*

*Mas alguem ficou cantando á margem,  
alguem que ficou fascinado e perdido...*

*Louco.*

Toda a lenda num esquema. Lejitimos processos de embeber-se das coisas com propositos de expressar-se através delas. Ainda por estímulos do mesmo instinto do mais rápido, mais pronto, mais breve, no jogo dos matizes literarios, excele o seu criterio de seleccionar os assuntos infantis. Esse não é um truque de simples determinação da vontade de escrever. Escreve sobre a infancia, porque lhe falam os objetos do culto infantil, como formas extintas de um mundo que foi melhor, que nos parece — foi melhor — do que esse de hoje. Nós temos sempre na infancia esse presuposto do melhor. Perdôa-se. E' a superstição da saudade, creadora de edens.. Por ela é que o futuro se nos afigura, na transformação dos sentimentos, como a palarição suprema da ultima beleza. Porque o presente é quase sempre um fim de ilusão e um começo de esperança. Para definir esse estado complexo de alma, recorre o poeta a uma simples imajem de objeto vulgar, que na sua tecnica se transfigura em objeto de arte. E' o caso do «Gorro verde»:

*De um sabemos nós, de historias infantis  
que era escarlata como o fogo  
e o rubro intenso das sangueiras.  
E o lobo veio, e devorou  
— pobre menina do «Chapéu vermelho»!...*

*Mas este é verde — uma onda enrodilhada —  
parece uma moldura de pampanos silvestres  
em torno á cabecinha inquieta de uma ninfa.*

*E é tão sabido — hum! — e tão esquivo, sempre,  
que eu nem sei, gorrinho verde,  
porque os homens inventaram a mesma côr para a esperança...*

*Eu nem sei...*





Quem não experimenta no evocativo sinjelíssimo desses ritmos galantes a toada das coisas que nos ficam na memória bailando como visões volúveis? Quem se não reconcentra em recordar das côres todas a côr mais ilusória dos nossos horizontes de ontem, o verde, o lindo verde dos pomares infantis? Mas se querem saber que o poeta escreve para documentar-se como um ser de escol, é ler a continuação dessa história na historieta da «Arvore de Natal». Ele começa:

*No dia em que eu nasci, tu nasceste comigo,  
O' arvore encantada!*

.....

*Adolescente, porem,  
eu bebi de mais perto o teu fulgor, com os olhos,  
e de mais perto toquei os teus frutos doirados,  
adivinhando-lhes o gosto e a maciez da polpa.*

*E — homem — não me deslumbra apenas a visão  
da tua fronde luminosa e loira,  
e rio e choro á tua sombra augusta,  
porque nasceste comigo e cresceste comigo.*

.....

Essa arvore de Natal é a própria «arvore encantada do sonho», a própria «arvore encantada da vida», sonho e vida, que se harmonizam nos versos tranquilos e bons do evocador deslumbrado. O mesmo fulgor de fé e vontade de ser de sua companheira de infancia, exalta-se no rumor triunfal dos ramos, ou se recolhe nos silêncios múrmuros da prece. A prece panteista de um jardineiro de harmonias interiores:

*Tudo para que eu tenha — homem igual aos outros,  
essa unica luz e unica harmonia,  
esse clarão e essa voz redentores no mundo!*

E' esse desejo constante de harmonia que prevalece nos seus poemas de «Caixa de Musica». Não canta, portanto, a infancia, por determinações morbidas da regressão dadaísta em que andam embevecidos os garbulhas nas garatujas das frases e dos desenhos artificialmente aparvalhados. Nada do infantilismo mal entendido e peor interpretado dos tatibitates e mamarrachos da arte e da poesia de gatinhas. Canta a infancia e suas caixas de musica e seus polichinellos e seus gorros verdes e todos os seus aspectos gentis, por inqui-



etação do renovamento espiritual superior dos nossos sentimentos de homem. O homem que deve existir na creança lucida, sadia, vivaz, harmoniosa de gestos e atitudes, precocidades alarmantes do sentido da vida, que indagam com olhos curiosos de tudo saber. Por isso não faltam na sua musicalidade de adulto sinais dessa antecipação de harmonia vital que se espiritualiza em nevoas e clarões cambiados a primor de estilo masculino, por onde se revezam vozes que se alteiam como pensamentos emancipados dos gaguejos infantes. O vôo é já de passarinho experiente. A voz não pode ser de passarinho. Imaginar que se deva cantar a infância com o mesmo papaguear em que ela se exprime, é estultice de alguns. Estultice que não vingará. Mas volvamos a ver como se acaba em « melancolia » essa « viagem » pelo passado, a que o poeta apelida de « triste », apesar dos brilhos múltiplos das margens em flôr. É ainda surpreender-lhe, em plena vitalidade, a força recondita de viver alto, firme, harmonioso, em plena luta pelo nome e pela vida. Ahi si conjuga, ás vezes, essa « amargura », como ele diz,

*do que fui, do que sou, do que serei*

com a dôr da felicidade que passou diluindo, em « delicias e martirios », o tom dos paradoxos cruéis da alegria de viver, nem por isso deixa de ser um dos mais belos poemas da sua colecção. Vale a pena ler na integra :

*Dentro da noite lirica e sentimental,  
de estrelas altas como pensamentos,  
numa indolencia — longa e lenta abstracção  
dos seres e das coisas que passaram —  
o viajante fuma, olha o mar, as estrelas, e esquece.*

*Olha o farol movendo os braços alongados,  
de quatro côres diferentes, rodopiantes,  
como as aspas de luz de um moinho fantastico  
a triturar na mó acesa o alvo trigo dos astros.*

*No convés do navio um vulto esqualido aparece,  
fecha as asas de sombra,  
o olhar luzindo como um fogo fatuo de horrores,  
numa hedionda  
ronda  
fantasmal  
de assombrações e de pavores . . .*





*( A lembrança de alguém — essa saudade inútil  
de um passado feliz que se quer esquecer —  
é uma trama inconsútil,  
toda feita de delicias e martírios  
de volúpias fatalizantes como tóxicos . . .*

*Ah, maldita a memória, maldita !)*

*E aquele vulto se ergueu sobre as águas e foi  
transfigurado num corpo de mulher  
desfazer-se em espuma.*

*Dentro da noite lírica e sentimental, agora,  
o viajante não fuma:*

*— olha o mar, as estrelas, e chora . . .*

Poderia dar-me por satisfeito na interpretação de um temperamento lírico, que é, por sua vez, numa lição de crítica experimental, o tipo acabado do homem novo nesses tempos de desequilíbrios e dissonâncias. Um modelo de harmonia interior na projeção da escrita. Mas é preciso apontar na estrutura do poeta as sombras do pensador. Essas sombras dialogam nos seus versos o simbolismo das coisas evanescentes. Há notas altas de meditação filosófica. Ao invés da filosofia do cinismo, que se disfarça nas confissões intelectuais sem raízes no ser moral, que se presume victorioso, porque assim o ampara a lojica das aparencias lisonjeiras, prefere reconhecer nas sombras o valor da « tristeza efêmera da luz », que não é dado a todos atingi-la, palpá-la, envolvê-la, posto o simulem ou impinjam que a têm, a possuem, a dominam. Sem ser um grito de negação formal, para elle, ao fim de todo o esforço de compreender a vida, permanece a incompreensão, o lado inviolável de tudo :

*Mas a recordação ficou bailando nos teus olhos,  
como um reflexo do misterio indecifrável das coisas . . .*

Sente-se que o poeta abandona o veio dos motivos felizes no ponto em que começa a provar o desencanto. Não era possível transpor sem o perigo das lágrimas os limites do assunto. É ele o fecha para não incidir na insinceridade dos moldes destoantes do todo. Essa sciencia do limite entre a alegria e a dôr, no proprio acto da criação poética, elle a sabe empregar com o mesmo apurmo e plena segurança. Nada de ultra, para, ou subconscientes. É como não era de esperar no momento culminante do vôo creacional outra attitude senão a desse declínio dramático do sonho, apressa-se em tomar das mãos do proprio sonho a chave de ouro das suas contemplações desencantadas. E povôa o si-



lencio de reticencias significativas como resonancias de cordas feridas pelo vento, que parecem mudas mas unisonas no eterno ritmo integral do cosmos:

*Rodopia gira e viravolta o infinito,  
o infinito das coisas e dos séres.*

*Só — como um átomo em meio do universo —  
impassivel, és tú!*

*Sejam, porém, de efemera virtude  
o teu pudor,  
o teu extase,  
o teu silencio de emoções ruidosas . . .*

*Que em torno a ti continuará, perpetuamente,  
o tumulto dos séres e das coisas,*

*— o ritmo da vida —*

*Sonhador!*

### Sintese

Esse, pois, o poeta e o homem, que ha em Rafael Barbosa, o creador inimitavel dessa, ainda inedita, « Caixa de Musica ». Vimos que funda a sua arte no segredo musical das cambiantes. Ama os seus ritmos com o amor que recommendava Ruben Dario. Plasticiza os seus motivos com o inefavel que proscreeva Verlaine. E afirma a sua personalidade com a independencia do crê em ti mesmo dos conselhos do Emerson. Não temos mais que concluir pela victoria de sua irrepreensivel formação de homem novo, que bem compreende o seu tempo, melhor vive a sua hora, e não perde nunca o seu ritmo. Não perder o seu ritmo é a maior constancia do homem, porque, acima ou derredor de tudo ha essa sollicitação dos desvios perturbadores, a que ele responde com as resistencias da sua clareza, da sua distincção e da sua harmonia, que o mesmo é dizer, da sua cultura, do seu character e do seu talento. Coisas raras de se encontrarem juntas. Mas em Rafael se realizam como as feições acordes de um verdadeiro tipo modelar do homem novo.

C A R L O S C H I A C C H I O



# RAPSODIA NEGRA

Ouve!:

puz nesta corola humana de ansia das minhas mãos  
o amargo licôr letal deste segredo,  
côr do tédio de eternidade dos deuses!...  
côr da febre de eternidade dos homens!...  
côr do iluminado abismo interior do silencio do  
sonho!...:

Um dia,

quando a perfeição eujênica do teu corpo adolescente fôr o  
[humus  
da amalgama fluidica do sangue de tua carne,  
da seiva do teu sangue, do sangue do teu martirio, infiltrando-se  
pelo chão que hermetiza o leito que te abriram nalma negra da  
[terra,  
para ser a vida de outras essencias, as essencias  
de outras dôres, num retôrno sob o sol,  
nos vortices da tortura sobrehumana da minha insonia,  
não pensarei

no terror circular estagnado em tuas orbitas vasias,  
como sondando o bátrio da Noite de tua Morte!...

Nem em tuas mãos, crispadas dentro  
no silencio e no negror de fundo de infinito que te envolve,  
como na postuma suplica pusilanime de um perdão!...



→ ARCO & FLEXA

Nem nos teus seios, que sempre venerei como  
os sacrários humanos da Onipotência pagan do Amor!...

Nem nos teus lábios parados,  
a beberem a plenitude de volúpia da Morte!...

Nem no teu ventre,  
cuja noite interior, de quietude impenetrável, encerrava  
a suprema ansia de multiplicação das tuas sementes!...

Agora,  
a tarântula de sombra dos meus gestos de dôr plasma,  
no rubro transfigurador do clarão do pensamento,  
os contornos ideaes do amanhecendo purissimo da tua carne de  
luz...

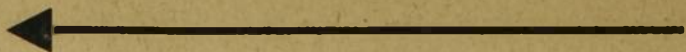
A minha insonia será cheia de grandeza do meu deslumbramento  
ante a tua fulguração!...

Que a minha angustia deshumanizada pensará  
não a deserção, para a terra, do teu corpo...  
mas a iconoclastia da invasora furia vandalica de milhões de  
vermes

devastando, devorando,  
nervosamente, avidamente, sofregamente,  
o iluminado templo sobrenatural da tua Beleza!...

CARVAGHO FIGHO





# POEMAS DE AMOR

## UM DIA DE CHUVA...

Esse colar, que tu trazes,  
é uma fileira  
de presas vorazes,  
mordendo-te a pele cheirosa e branca.  
E esse colar tão leve  
parece pesar tanto  
em teu colo de flôr  
que,  
num dia de chuva,  
eu hei de fazer um colar de gotas dagua  
para o deixar brilhando em teu colo de flôr.  
Porque é assim, vida minha,  
que se enfeita uma rosa,  
uma rosa de amôr.

## MANHÃ DE FRIO

Nesta manhã fria,  
o meu pensamento  
tornou tão viva a tua presença,  
que este quarto parece incendiado de sol.  
E enquanto eu deliro  
no calor de teus braços,  
a chuva que resvala  
dos vidros da vidraça,  
vae tecendo uma cortina de tule,  
na minha janela pobre,  
para esconder essa mentira de felicidade.

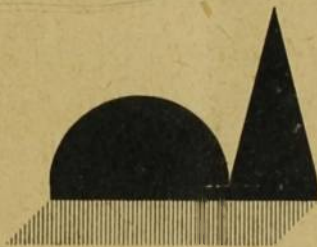


**UNICA**

A tua presença em minha vida  
é como uma bulha de crianças  
dentro de um templo grave.  
Deante de ti,  
todas as imagens rolam dos altares  
que o orgulho edificou em minha alma...

**AO PIANO**

Ela toca.  
E as suas mãos rápidas  
são duas rosas  
que o vento desfolha  
sobre uma vertente diabólica de sons



**PEDRAS FALSAS**

A velhice veio surpreender o capitão Pedrinho entre a demencia e a pobreza.

Ele que esbanjara o ouro dos bons dias, distribuindo-o a esmo, teve, na sua demencia, o galardão de ignorar até á morte a iniquidade dos homens.





Quando a fortuna lhe sumiu de casa, o destino, apiedado, fê-lo idiota para o tornar feliz. E ele o foi, na sua doce, apaziguada insania.

Ameninara-se numa ilusão teimosa de riqueza. Ah com que enlevo ele estendia ao sol as mãos mirradas, como duas papoulas sêcas, e punha-se a mirar as pedras falsas que lhe enxameiavam sobre os dedos!

Essas pedras, que lhe pareciam verdadeiras, eram de um vidro ignobil de vidraça, que ele mesmo polia e repolia, pa-chorrentamente, reduzindo-o ás minimas proporções de uma gemma, para vê-lo faiscar, depois, no pequenino carcere das garras de metal mareadiço.

\*  
\*  
\*

E foi assim que a morte veio encontrar, um dia, esse lapidario obstinado da ilusão, com a sua pedraria, que era uma riqueza e, entretanto, não tinha preço neste mundo...

EUGENIO GOMES



# de Pinto de Aguiar

## De como eu vi a vida

### Miseria

Eu chegara de um destes jantares onde uma duzia de nomes arrevesados, em inglês e francês, nos arreventam o estomago.

O *smoking*, atirado a esmo nos braços duma *maple* acolhedora, e eu, entediado, espreguicei-me nas molas macias de meu divam turco.

Era uma destas noites calmas de verão em que as estrelas em pisca-pisca parecem brincar de esconder sob o olhar vijilante da mamãe-lua.

Pelo janelão aberto de par em par entravam-me, quarto a dentro, ondas de perfumes e lavas prateadas.

Um raio de luar, azul, muito azul, apartou-se dos outros, creança a brincar, a brincar...

Pouco a pouco, aquele raio parado avolumou-se e tomou forma e nos meus olhos eu vi: uma mulher magra, quasi esqueletica, as pontas dos ossos a mostrarem-se vaidosas sobre a camisa. Na face esverdiada duas rugas profundas cavavam-se nos cantos da boca, subindo menores, cara acima. Cabelos esfiados rareavam o couro cabeludo...

E nos seus olhos enevoados, sem expressão, eu li: Miseria.



### **Toxicomania**

Na penumbra de um canto, uma combinação exótica de amarelo e cinzento chamou meu olhar e vi de braço dado um orjiasta e um exaltado.

No desleixo dos braços, na fala arrastada, no olhar de um brilho, que se apagava e acendia, eu li: um alcoolatra.

A boca aberta numa ansia de goso, os dedos nervosos a agarrar um sonho, os olhos apagados entre as palpebras frouxas, a custo sumiu-se o cocainomano.

### **Caridade**

O burguês egoista e estúpido passeia um olhar sobre o velho esmulambado e passa adeante.

E sobre a mão aberta curva-se uma imagem branca de mulher.

Uma onda de perfume, moedinhas de prata, um rosto de anjo, e na tela linda de nossa natureza o velhinho pinta um quadro de sonho.

A parede fechou-se.

Quando passo junto a um velhinho sujo e esmulambado, vejo sempre curvada uma imagem branca de mulher. E eu também me curvo com uma esmola.

### **Inocencia**

A lua saiu das nuvens e entrou em meu quarto viva como o sol.

A arvore do meu vitral antigo escameja-se de ouro.

Uma ninhada de meninos corre, pula e brinca no jardim do meu vitral.

A voz canora dos pequeninos confunde-se com a voz musical de um velhinho que conta historias.

E aqueles olhos infantis, e aquelas boquinhas entreabertas parecem querer beber no ar um grande sonho de INOCENCIA.



### A arte

O chão de meu gabinete é um pantano.

Na lama pegajosa, grossa e negra, ergue-se um vulto alvadio.

Ondas de podridão lambem com a crista os joelhos deste vulto. Querem agarrar-se, mas voltam. E danadas, novas ondas se levantam.

E o vulto na força de sua pureza procura modelar para a liberdade os pés naquele lodo.

Então, eu soube que do lodo do Mundo se modelou a Arte.

### Vício

Duas scintelas de fogo cortaram metálicas o ar. Dois olhos, dois olhos de um brilho estranho fitavam uma capa de livro; e viam «az»; caíam sobre um relógio de faiança e viam «rei de páos»; pousavam numa doce marquezinha de Sévres, na sua saia Pompadour e viam «uma dama de copas».

E, no desespero do vício, o homem em tudo via cartas.

Era um jogador.

### Crime

Aquela luz azul da lua, avermelhara-se num colorido rubro do vitral antigo.

Cambaleante aos gritos, rios de sangue a correr-lhe nos olhos, uma baba nojenta a escorrer-lhe do lábio, passou o assassino.

### Mascara

A um canto, um espelho reflete, linda, a imagem horripilante da hipocrisia penteada pela mentira.

### Doenças

Qualquer coisa branca resalta no encadeamento negro da escuridão. Feriu-me a vista; e aos poucos, naquele fundo de trevas,



desenham-se linhas grossas, olhos idiotas de bestas humanas, num riso alvar a abrir os labios entumecidos.

E os doentes, numa dansa louca, escreviam: Ignorancia.

### Mendigos

Na parede se abre um rasgão.

Do outro lado, desalentado na atmosfera morna, um velho esfarrapado e maltrapilho.

Passa-lhe ao lado, roliço no colarinho duro, grossa cadeia de ouro no colete, um abastado.

O desgraçado estende-lhe a mão.

### Mestres

Tudo agora é um sonho de retrospecção.

Bancos de academia, anos de ginasio... uma cidadezinha...

Pingos de cal na verdura dos taboleiros; luz, muita luz; ouro empoeirando o céu.

E no silencio de uma sombra provinciana, um chilrear de palavras soletradas.

E' a escola.

Vejo-me lá num banco, alegre, vivaz, a ver a beleza das cousas na lição dos mestres.

### Ultimas visões

No fundo do quarto aquelas sombras cinzentas afinavam-se em serpentes e juntavam-se, enroscando-se, em uma só.

Minhas ultimas visões confundiam-se, transmudando-se, numa forma vaga e alva.

A serpente, arrastando-se, enroscava-se em aneis enormes e nojentos, nesta forma vaga e alva.

E tudo se esvaia em uma nevoa, numa luta, num desejo de separação.

E foi assim que eu vi a vida.



# Manteiga **GAIVOTA**



**PROCLAMADA A MELHOR  
DO BRASIL**



**ENCONTRA-SE EM TODOS OS BONS  
ARMAZENS E EM TODAS AS  
BÔAS MERCEARIAS**

## **INSTITUTO DE CLINICA INFANTIL**

Prof. MARTAGÃO GESTEIRA

**Drs. Alvaro Rocha e Alvaro Bahia**

CATEDRATIDO E ASSISTENTES DA CLINICA DE CRIANÇAS NA FACULDADE DE MEDICINA

**Diagnostico e tratamento das doenças das crianças**

Raios X, Laboratorio de Pesquisas, Tratamento pela electricidade, diathermia, ultra-violeta, etc.

**Apartamentos confortaveis para o internamento de doentes.**

### **CONSULTAS:**

Prof. Martagão Gesteira — 15 ás 17 horas

Dr. Alvaro Bahia — 14 ás 16 horas

Dr. Alvaro Rocha — 14 ás 16 horas



**TRAVESSA DE S. RAYMUNDO, (Mercês) N. 8**

**Tel. Garcia, 388 — BAHIA**



# LIBRERIA ESPAÑOLA

DE

**Francisco Léon Santos**

RUA DIREITA DO COLLEGIO, N. 10 A — BAHIA—BRASIL

**OBRAS** de Medicina, Ingenieria, Química, y Electricidad, Derecho e Legislación, Agricultura e Zootécnia, Actualidades Políticas, Filosofia, Ciencia, Educación, Arte, Literatura y otras materias.

**IMPORTACION DIRECTA:** — Esta casa recibe constantemente novedades y se encarga de adquirir cualquier obra en espanol que se le pida por rara que sea mediante comisión convencional.

## PIANOS

Afinações, concertos e quálquer negocio de

## PIANOS

Angelo Carvalho

Rua do Arcebispo, N. 6

TEL. CENTRAL — 1506

## Papelaria Brasileira

Lithographia, Typographia, Encadernação, Pautação, Douração e alto relevo.

Fabrica de Livros em branco e commercias, Blocos, Papel Almasso, Caixas para medicamentos, Etiquetas e Rotulos para todos os misteres, etc., etc.

Rua do Plano Inclinado, 33

Caixa Postal, 345 — Telephone, C. 131

END. TELEG. — PAPELARIA

BAHIA—BRASIL

## LIVRARIA CATILINA

DE

**ROMUALDO DOS SANTOS**

Á Rua Portugal, n. 6 e FILIAL á rua Dr. J. J. Seabra, n. 162

CASA FUNDADA EM 1835

Acham-se habilitados para fornecer aos Snrs. Alumnos dos Cursos PRIMARIO, SECUNDARIO e SUPERIOR todos os livros adoptados, a preços sem competencia. No Prelo—«Defendendo a Republica», Dr. Muniz Sodré—«Grammatica Ingleza», Prof. F. J. Ruschid.

Telephone Central, 871 e 1307



# NOITES DE LUAR

*Esta noite eu olhei o céu:*

*o crescente era um grande concavo de taça  
que recolhia as lágrimas das estrelas.*

*E eu fiquei a scismar:*

*Ai se eu pudesse, como tu, crescente,  
guardar no fundo de minh'alma os sorrisos de minhas ilusões...*

*Outra noite eu olhei o céu:*

*a taça muito grande da lua transbordava.*

*E eu fiquei a scismar:*

*só a minh'alma não guarda nem um sorriso das minhas ilusões...*







## Sentidos de Beleza...

Como lhe invejei aqueles sentidos de Beleza !...

Beleza tripla da vida : — o Mar, a Selva, a Lua !

E o vento rodopiando entre os tres sentidos de Yara, parecia contar-lhe todas as historias lendarias, como num labirinto infinito de ciumes derredor as personagens que lhe eram a mais forte razão de viver...

Minha indiscreção, porém, foi roubar-lhe o extase nesses seus motivos grandiosos de prazer...

E segredou-me ao ouvido :

— Vem, sente comigo esta volutuosa sensação dos que esquecem o amor dos homens, para melhor querer estas paisajens sinjelas, que nem todos as sabem contemplar, sentir, gozar...

Ouves ? E' o Mar, soluçando, a pedir liberdade :

— Deixa-me expandir, além, muito além, para devastar esta Floresta movel, sibilante, cuja indiferença é como um sarcasmo ao meu anseio...

Agora, olha : — é a Selva, simples e esbelta, que não dá sentido aos queixumes do Mar... Guarda o segredo da terra virjem, onde apenas penetra, sutil, o vento, para balouçar-lhes os gigantes verdes, que escondem o céu ás pequeninas relvas...

Depois, a Lua, sempre a Lua, como a pedir que se não finde a noite, para policiar os «gestos concavos» do Mar e o rumor sombrio da Floresta, com aqueles ritmos monotonos, que não acabam mais...

AGRIPINO DE ALCANTARA



# Notas folqueloricas

I I

Gandavo — Talaveira

—Potossim ou putici

Aqui na Bahia foi corrente, outrora, o termo *gandavo* como sinonimo de mentiroso. Eis ai, presumo, o mais antigo brasileirismo de filiação historica. Esse vocabulo não é mais que o apelido do proto-cronista da Terra da Santa Cruz, Pero de Magalhães de Gandavo.

Que se conterà no seu livro capaz de lhe haver granjeado a reputação de ser dado ao esporte de *botar a perna para vadiar*? Afigura-se-me ter sido o caso «do monstro marinho que se matou na Capitania de Sam Vicente, ano de 1564», como escreveu, epigrafando o capitulo XX da sua HISTORIA.

Teria espontado da imaginativa popular a acepção pejorativa irrogada ao seu cognome, não só por ignorar o vulgo o aparecimento de otarides nas aguas brasileiras, até cêrca da bahia de Guanabara,—ainda em setembro de 1925 deu um à costa em Mangaratiba — como, principalmente, porque referiu o fato em circunstancias

incriveis, mesmo para aquela época de facil credulidade: imagine-se um bicharôco metuendo, pisciforme, erecto sobre a cauda a investir entre grunhidos, contra um homem.

Foi por este motivo que vestiram à memoria de Pero de Magalhães de Gandavo o sambenito de contador de potócas.

No Rio Grande do Sul, por alturas da segunda década no século passado, começavam os portugueses a ser tratados pelos filhos da terra com o epiteto despresivo de *talaveiras*.

A palavra pegou e anda até no dicionário de Candido de Figueiredo. De fato. No ed. de 1913, vol. II, às pags. 708, lê-se: TALA-VEIRA, *n. Bras.* Antiga designação burlesca de qualquer criado do paço. *Bras. do S.* O mesmo que *português*. Maturrango. (Do cast. *talavera*, *n. p.*?) »

Pois consegui remontar à origem de semelhante apodo.

Em 1814, el-rei dom Fernando de Espanha, *o Desejado*, — que foi



antes, na historia, um indesejavel, — já de pulga atrás da orelha, temendo que o seu formoso reino do Perú, a exemplo das outras colonias americanas, alçasse o pendão da liberdade, mandou para Lima abundantes tropas, e dessas fazendo parte um batalhão dito de *Talavera*, — *talavera de la Reina* é uma cidade de Castela, — formado de oitocentos criminosos sacados dos presidios de Ceuta, Melila, Carraca «y otras academias de igual lustre.» Terríveis bandidos, genuínos vândalos, para os quais «nada habia de respectable y sagrado», assim se comportavam na tres vezes coroadada cidade dos Rêis os *talaveras*, como, num trôpo, o povo limenho os denominou.

De Lima apressou-se o vice-rei em enviá-los para o Chile, que lutava então contra a metropole, e ali, diz Ricardo Palma («Tradiciones peruanas», ed. de Barcelona, II, pags. 146-148), em quem li esta noticia, «se habla aún con horror tradicional de los malditos talaveras», que, aliás, pereceram todos nos campos de batalha e nas ruas de Santiago, ás mãos dos seus habitantes indignados.

Por certo *talavera*, como sinónimo pejorativo de espanhol, de partidario da opressão da metropole, passou de Chile á Arjenti-

na; transpoz o golfão do Prata para a Banda Oriental, onde o applicaram aos soldados das tropas portuguezas que ocupavam militarmente o pais. Adaptado aos portuguezes e já aportuguesado, *talaveira*, em vez de *talavera*, irradiou pelo Rio Grande do Sul e lá se ficou, incorporado ao nosso populario.

Em Mato-Grosso, ou melhor, em Cuiabá, o vulgo usa o termo *potossim* em lugar de «quantidade», «porção». Em vez de «grande quantidade» de qualquer coisa, na Paraíba (José Americo de Almeida, «A Bagaceira», 3.<sup>a</sup> ed., Rio, 1928, pag. 302), se diz *putissi*.

Ora, no *potossim* cuiabano e no *putissi* ou *putici* paraibano vê-se, por metáfora, alusão á imperial cidade de Potosi, celebre em todo o orbe, no seculo XVII, pela riqueza fantastica das suas minas de prata. No dicionario de Candido de Figueiredo (ed. cit. II, pag. 432) vem: POTOSI, m. Fig. Grande riqueza; tesouro. Cf. Flinto, XXI, 130. (De *Potosi*, n. p.)»

O *despotismo* bahiano e mineiro, com o significado de excesso, grande quantidade, não descenderá de *potossim* e *putici*?

Respondam os doutos no assunto. Que eu sou um simples e curioso anotador de fatos da nossa demopsicologia.

J. DA SILVA CAMPOS



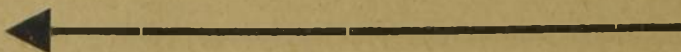
de RAMAYANA DE CHEVALIER

## **Elegancias**

«Boudoir» de luz «bleu»...  
Nervosa, iconoclasta,  
«Miss Poupée» desbasta  
Aquilo que lhe foi mais caro ao coração...  
O' tristonho artifício das mulheres!...  
E a «Marguerite du Japon»  
Cáe aos pedaços  
No chão...

E' a hora do prazer...  
O relógio de mogno, depressa  
Tilintou doze horas...  
— Onde moras ?  
«Miss Poupée» responde, soluçando,  
O rosto triste, o coração inerte:  
— Aquí..  
E poz a mão no coração do «flirt»...  
«Duchesse d'yeux verts»,  
«Machine des baisers»...  
«Mlle» sorri cheia de amor,  
convencida que a vida  
E' uma grande ferida de onde nasceu a Dor...





«Madinette d'amour»

«Princesse des baisers»...

«Mlle» sorri, empunhando o «lorgnon»:

— «Est-ce-que tu promènes?»

— Que pedaço «mignon»!...

E, com a futilidade assim de um «vaudeville»

Futंगा-se toda a tarde á rua Chile...

A Bahía elegante

despeja «nonchalante»

toda a aristocracía espavorida

na «promenade» da Avenida...

— Quem é aquela boneca Myriam Cooper?...

— Não sei.. Borboleta de amores

que vña no oceano de odores da «Sloper»...

E assim é a Vida...

Tão futil, tão dolorosa...

tão cheia de «poupées» formosas,

que passeiam na Avenida...

Se dizem por brincadeira

que hoje é segunda-feira,

ela estremece e sorri...

E sob a mascara do «rouge»

O estomago esfomeado, estruge:

— Eu hoje... não comí...





# Ritual de boêmio

A Ramayana de Chevalier,  
meu irmão de sonho.

Eu sou boêmio e poeta. Afundo-me nas noites como aves notivagas. Canto como os passaros nos galhos verdes sob o sol das manhãs sonoras. Olho para fora da vida porque não quero ver a vida. Meu destino é sonhar. Não sei mesmo onde vivo. Eu penduro as emoções nos cabides loiros das estrelas. Eu sou boêmio e poeta, e ando ciganeando pelo ermo das noites longas, ebricas de lua...

E canto como os passaros nos galhos verdes...

Acendo o meu cigarro. E' o eterno narrador das historias bonitas. Tem um destino igual ao meu destino. O destino de todos os boêmios e de todos os sonhadores... A alma da gente se perde porque busca sempre o inatinjível. A alma do cigarro se perde porque sóbe de mais em busca de uma estrela irreal...

A ansia da embriaguez arde dentro em mim como uma labareda. Ouço o tinido imaginario das taças de *champagne*... E as gargalhadas claras das mulheres. Se eu pudesse viver embriagado, governaria todos os homens. Hoje eu me embriaguei demais... Bebi o gozo nos labios das mulheres...

E o absinto branco do luar...



Por onde eu passo, cabelo ao vento, olhar parado, uma angustia enorme subindo da bandurra, fica sempre no meio do caminho uma saudade longa, soluçando convulsivamente pelo pranto convulsivo de todas as mulheres...

Ontem não houve estrelas nem luar. Uma poeira branca uivou pela noite fechada e ficou tamborilando sobre as arvores tremulas de frio... Um bebedor passou junto a mim murmurando: chuva... chuva... Não sei porque ele dizia isso. Trocou pelo absinto a razão dos seus sentidos. A poeira branca que uivava na noite era um desprezo. Um desprezo gelado da lua e das estrelas para os rochedos vivos que perambulam cinicamente na vida: os homens...

Eu se pudesse estrangularia a Realidade. Quando me vêm passar atiram-me ironias: « Um eterno sonhador... Antes cuidasse da vida, materializado na vida... » E eu finjo uma grande indiferença... Mas os observo, a rir, porque eles não sentem a ferretoada do meu sarcasmo... Mas se eu visse a realidade correria satanicamente para estrangulá-la... E' por isso que os abismos repudiam eternamente os píncaros...

Eu amo os lagos porque eles são as vitimas sublimes dos barrancos. As garças procuram os lagos porque os grilos procuram os charcos. E se poem a olhar, contemplativamente, a sua silhueta branca de pernaltas... Os lagos são os espelhos aquaticos das garças...

E' por isso que eu adoro as vitimas sublimes dos barrancos ...

Alucina-me a vontade de beijá-la. Olho-a demoradamente nos olhos e vejo tripudiando lascivias lá dentro, ardendo em labaredas verdes. Aproximo-me da sua bôca e ela corre com medo... Não quer saber um segredo que não se diz falando... Será que o seu



**E' um  
requite de  
elegancia  
calçar  
na**

**CASA PAX**

**RUA CHILE**

**Aos velhos e aos moços!**

**Um progresso da MEDICINA**

Ja todo o mundo sabia que o radium é uma verdadeira varinha de fado. Mais era difficilimo conseguil-o entre nós. Os velhos, doentes chronicos do coração, dos rins, dos intestinos, varizes, erupções, bronchites, neurasthenias, não tinham na Bahia a felicidade de curar os seus males.

Chegou, finalmente, a sua vez de conseguir com felicidade a regeneração do seu vigor.

E os moços? — O trabalho excessivo da intelligencia e dos musculos, a que elles se entregam, encontram no uso das ampolas de radio o seu grande amigo.

Este remedio é o RADIO usa-se em uma garrafa com agua — sua duração é eterna.

**AGNELLO BRITTO (Agente)**

**Rua do Plano Inclinado, 30**



O eminente pediatra prof.  
Martagão Gesteira atesta.

INSTITUTO DE CLINICA INFANTIL

Sob a direcção do

PROF MARTAGÃO GESTEIRA

e Drs

ALVARO BAHIA e ALVARO ROCHA

Travessa de S. Raymundo, 8 (Av. 2000)

Tel G 580 - BAHIA

Bahia, 26-II-29

Sou de parecer que a Empresa Salus  
vêz prestar um grande serviço à  
vossa população infantil, sendo ao  
seu alcance uma leite em condições  
recomendáveis de higiene, ao abrigo  
das poluições e sophisticacões que são  
frequente e grosseiramente ingeridas.  
Vou o produto até então existente  
entre nós no mercado, com raras excepções.

Fago votos para que a referida Em-  
presa, completando o benefício que  
faz à causa de crianças na Bahia, nos  
de breve tempo, como os seus congêneres  
nos grandes centros europeus e ameri-  
canos, cumpra a sua missão, obtendo  
e manipulando em condições de rigorosa  
aspeira, de modo a poder ser conside-  
rado como o leite infantil tipo.

Enquanto, todavia, não nos acon-  
tecer, não tenho em dar preferência  
ao leite Salus, pois se o leite submetido  
à pasteurização não representa  
o ideal em matéria de alimentos  
para a criança artificial, é, em  
todo o caso, incomparavelmente  
superior ao produto esportado à vista  
sem uma salutar precaução.

Martagão Gesteira



beijo é diferente dos outros? E' que a ilusão do beijo agoniza, quando se colhe o beijo que se espera...

A noite ja se perde na trama sarcastica das horas... Vem dos pântanos o claxon dos sapos e a cantiga cinica dos grilos. A noite é uma orquestra. O cicio sonolento dos galhos, lembra a caricia das ondas ás longas praias brancas... A madrugada tagarela pela voz estrangulada dos galos...

Vou acender outro cigarro. Os cigarros se parecem muito com os genios. Agonizam na sarjeta suja das ruas... E os genios vão incompreendidos do mundo, na sarjeta sujissima da vida...

JOSÉ QUEIROZ JUNIOR





de Arthur de Salles

## COQUEIROS

Os coqueiros

Movem os longos braços na atonia da tarde,  
Friorentos, exaustos, sonolentos...

Uns laivos lividos de sol cobrejam na agua plumbea,  
Onde se apaga o seu perfil de cegonhas estranhas...

Rapidos ruflos de asas

— Ultimos estremecimentos vitaes do dia —  
Passam fujindo dos seus vultos meditativos.

A agua é negra, o céu negro...

Os coqueiros dormem dentro da noute apagadora...

O' os coqueiros.

Eles sabem os segredos dos horizontes fujitivos...

Das distancias irreveladas...

Das praias ermas...

Dos longes...



de Godofredo Filho

# USINA

Polifonia dos apitos estridentes...

Ritmo alacre das polidas manivelas...

E o gira-gira volteante das polias...

E rosas muito brancas de fumaça  
das invisíveis válvulas abertas...

Alavancas, turbinas... O desvairo  
dos dinamos pulsando...

Amontoado espantoso de metaes,  
bôcas de Belzúbús que são fornalhas,  
pragas de fogo salpicando a treva...





# de Helio Simões

## O meu cântico dos cânticos

*Vem do Líbano, esposa minha, vem do  
Líbano, vem: serás coroada do alto  
d'Amaná, do cume de Sanir e d'Her-  
mon, das cavernas dos leões, dos  
montes dos leopardos.*

(Cânticos dos Cânticos, Cap. IV, Vers. VIII)

Cantem na minha voz todos os passaros canóros do Brasil inteiro;  
cantem na minha voz os sabiás e as patativas, os canários doirados e os azu-  
lões cor do céu;  
cantem na minha voz todos os concertantes alados da floresta;  
aprendam os meus lábios as melodias do Yrapurú encantado  
e seja só de harmonias suaves o meu canto  
para que eu possa cantar os olhos de quem, olhando, deu luz á minha vida,  
para que eu possa cantar os lábios de quem, sorrindo, deu alegria á minh'alma,  
para que eu possa cantar o amor de quem amando me fez poeta.  
A minh'alma que andava adormecida, despertou e sorriu.  
Quem é essa que penetrou de mansinho no meu coração e foi lá bem no  
fundo despertar minh'alma?  
Quem é essa que os meus olhos ainda não viram e que já faz sorrir a mi-  
nh'alma dentro do meu coração?  
A minh'alma que andava adormecida e desde que a viu ultima vez chora ha  
tantotempo?



Nem na viram os meus olhos que andavam embaciados, nem na presentiram os meus ouvidos, porque ela é imaterial como os sonhos e foi direito á minh'alma dentro do meu coração.

Quem é essa que se não deixa ver e que se não faz ouvir, por quem minh'alma renovou a sua esperança e por quem começa a renascer meu amor?



Ondas que andaes brincando sobre as aguas, parae por um momento o vosso brinquedo e escutae comigo;

ventos do mar que andaes brincando com as ondas o que eu tanta vez brinquei quando criança, sustei o vosso sopro e escutae comigo:

O meu coração fala baixinho porque o seu segredo é um tesouro e ele tem medo de o vir a perder falando alto.

O segredo do meu coração é o tesouro da minha vida.

Se o meu coração, falando alto, perdesse o seu segredo, perderia à minha vida o seu tesouro e é por isso que o meu coração fala baixinho.



E' ela, diz-me o meu coração, é ela por quem tu'alma esperava ha tanto tempo que surge agora imaterial como os sonhos, para realizar o teu anseio de amor.

E como se surjisse do mar, traz o verde das aguas nos seus olhos verdes; e como se nascesse de um raio de luz, traz o oiro do sol nos seus cabelos loiros;

Nem é mais vermelha do que os seus labios a polpa do araçá maduro, nem mais doce do que os seus beijos será o mel que a uruçú fabrica.

A arajem do Farol não tem a suavidade da sua vóz e é quando ela fala que se formam, no mar, as ondas pequeninas.

Não ha uma estrela no ceu que não tenha invejado a sua formosura, nem a lua se esconde, entre as nuvens, senão com vergonha de não ser mais bela.

E' a esposa de tu'alma que se aproxima, e foi por isso que a tu'alma adormecida despertou e sorriu.

E' Ela! exclamaram radiantes todos os sentidos do meu corpo e todos os sentidos da minh'alma,



## ARCO & FLEXA



E' a Esposa que se aproxima imaterial como os sonhos, coroada de rosas imateriaes, pisando rosas imateriaes, numa nuvem imaterial de rosas iluminadas.

E' Ela! E' Ela! E' Ela! E ecoou dentro de mim um cantico sagrado:



A minha amada é como as florinhas do oíteiro e os cordeirinhos do prado, tem perfume o macio dos seus cabelos e os seus olhos me aquecem mais do que a lâ.

Os olhos de minha amada são como o sol e como a lua, acendem desejos n'alma e vertem paz no coração.

Os labios de minha amada são como a flôr vermelha, em cujo calice ha nectar: eu sou como a abelha que quer fazer o mel.

A minha amada é como os altos montes que o sol doira, eu sou como os vales onde não ha luz senão a que vem dos montes.

Vem pois, amada minha, Esposa de minh'alma, vem: o meu peito é amplo para dois corações; repouso o teu coração sobre o meu peito:

As rôlas andam aos pares e os sabiás cantam junto, andemos nós como as rôlas e cantemos como os sabiás, porque a tua vóz é mais doce do que o gorjeio das aves e a tua pele mais assetinada do que o setim das suas penas

Ha em ti, amada minha, Esposa de minh'alma, ha em ti a candura das rosas immaculadas e o perfume das violetas humildes.

Ao murmúrio do regato de aguas claras comparei eu a tua voz e foi pequena a minha imagem, porque não ha regatos de doçuras taes nem os ha que solucem tão ternos.

O Senhor, quando fez as estrelas, previa já os teus olhos e foi á semelhança deles que as criou.

Nem ha beleza do céu ou da terra, onde eu não te adivinhe, ó formosa entre as formosas, porque és tu mesma a beleza suprema e fóra de ti tudo é triste e apagado como nas noites sem lua.

Vem pois, amada minha, Esposa de minh'alma, vem: o meu peito é amplo para dois corações; repouso o teu coração sobre o meu peito.



# ZABIAPUNGA (\*)

A madrugada bocejou,  
deixando cair perdígotos — as estrelas miúdas.

A madrugada é negrinha  
e tem volupias e tem voluteios e quebrantos e dengos,  
para entontecer a alma da ente.

Está tudo quiéto...

Um deão de lua veio selar os beicinhos vermelhos da manhã.

De repente,  
uma zoadeira  
abala os nervos mulatos da raça,  
que vivem úmidos de um sangue quentinho.

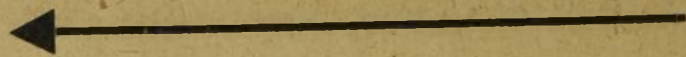
E um grupo  
de pretos relintos,  
que saltam, que pulam,  
que dansam,  
que bailam,  
na quentura lustrosa dos seios da manhã,  
surje enfeitado  
irisado:

---

(\*) *Dança de pretos no sul do Estado.*



## ARCO & FLEXA



branco,  
vermelho,  
amarelo  
e sangue de boi.

E guízos,  
enxadas e pás,  
martelos  
e latas vazias repinicom ligeiros:

TEN - TEN! TEN - TEN!

E os mascaradas cabindas,  
cheirando a cabritos,  
vão pulando, pulando.  
E sambam danadas negrinhas  
e pulam moleques cabindas.

TEN - TEN! TEN - TEN!

Uma poeira de prata anda dansando no ar.  
E a lua é triste como a alma selvagem do Brasil.  
Páram os guízos. Emudecem os instrumentos.  
E cabindas festeiros,  
com o sujo no corpo:

TABULEIRO! TABULEIRO!

Reten-ten! Recomeça o barulho  
das enxadas e latas.  
E dentro do corpo de tanta gente cabinda,  
bailam e dansam espiritos danádos.



TEN - TEN! TEN - TEN!

E' o choro triste da terrinha lonje,  
E' a voz sentida da terrinha triste.

Lá-bem-lonje,  
a manhã brasileira—morena novinha,  
abre a mão, que tem cheiro de calumbí esmagado,  
pega os negros,  
    que pinotam,  
    que sambam possessos,  
e joga tudo no bolso do grande avental.

E U R I C O      A L V E S



ARCO & FLEXA ←

# *de Castellar Sampaio*

## **A CANANGA DO DIQUE**

— NOVELA —

### **A B O R D O**

II

A viagem tão cheia de pitoresco para um espírito em calma, a vida de bordo movimentada e alegre, correu-lhe tediosa. As paradas intermediárias, a grita dos mercadores de frutas, de peixes e de empadas não no moviam do torpor a que se atirara.

Alheio a tudo, remexia a memória, relembrando fase a fase de sua meninice descuidosa e de sua desvelada educação, como esta se fizera toda, ao contacto dos seus, no próprio lar, docemente, como um passatempo. De começo, o A B C aprendido sem esforço, quasi brincando, ora num jornal, ora numa carta de parente, em meio ao sorriso satisfeito da velha, que mal velava o contentamento pelas primícias de sua inteliçencia.

E ao recordar esse passo, cuidava: «Como Mamãe sabe ser bôa!»

Depois as primeiras letras pacientemente ministradas por uma professora muito jovem, D. Clara, cuja meiguice agora lembrava cheio de gratidão. Via-a, no seu sonho de hoje, nitidamente, com aquele oval de rosto perfeito, aquela triste sere-



nidade no semblante, que o fizera tantas vezes compará-la á Nossa Senhora das Angústias da matriz.

Tinha-a bem na mente. Fôra a morte de D. Clara que lhe fizera sentir a primeira aspereza da vida. E aquéla sala, cheia de creanças e de flôres, de espanto e de lágrimas — um caixão branco entre cirios, éla estendida sobre rosas, mãos postas em prece, olhos cerrados como quem sonha — passava-lhe pela memoria como uma asa negra que batesse ao longe...

Tão absorto ia em sua scisma que não atentara na garrulice frívola de tres mocinhas, a apostarem, levianas, sobre um olhar dêle, aleatorio e vago como uma parada de jogo. Estava no vapor, e estava lonje, oito anos antes, em casa do Dr. Ramos, dentista e meio medico, pratico de farmacia, rabula, habil para tudo, uma como enciclopédia de superficialidades.

Via-se nas primeiras lições de francês, estudadas com apuro, vencidas as dificuldades da pronuncia por um esforço acurado.

No outro âno o latim começado em doses homeopaticas (porque o latim do Dr. Ramos era limitado e não convinha esgotá-lo depressa) mas com método seguro.

E as lições de Geografia, Historia e Matematicas, no escritorio do Felipe Mendes, enjenheiro fiscal da Estrada, um escravo do reljio, uma vida método, um homem-horario. Quanto lhe devia!

Comó paulatinamente, suavemente, o macio Dr. Felipe, desdobrava-lhe ante a vista surpresa, horizonte a horizonte da Historia, plano a plano das sciencias, medindo bem os progressos realizados para esboçar em traços largos, as vistas de conjunto, de onde saía Santarem maravilhado.

E, quanto mais o vapor se aproximava da Capital, tanto mais o pobre estudante se entregava áquela ausencia das cousas circunstantes.





Lembrava agora o Salvador Queiroz, filho do intendente, extravagante desde o vestuário até as ideias, que sobre êle exercera tão fascinante simpatia que quasi não tinha ante a sua verborrêa inconsequente, a coragem de uma opinião. E repetiu de memoria as palestras do sceptico, as contradicções gritantes um cinismo crú temperado de uma palavra piedosa, uma hereisia pesada seguida de uma prece, tudo isso numa lingua nova, rica de expressão. Mas, tudo desconhecido, inconsequente, á conta do humor momentaneo.

Lembrava a timidez com que lhe recebera de emprestimo os primeiros livros de Eça e de Guerra Junqueiro, os livros de Fialho, os seus arrepios de crente e de filho-familia ante a irreverencia aos padres e a desnudez da linguaagem.

Ah! Jamais esqueceria essas impressões, nem tampouco as aulas de filosofias, dadas pelo Queiroz sob contrato. Como se trasmutavam as atitudes! Aquí, Queiroz era outro. Não mais aquêle esfusiar de frases em tropel, aquêle bailado de paradoxos, aquêle lantejoular de linguaagem preciosa. Era a medida, a clareza, o método de quem professa com habilidade toda uma classe. Exposição limpida, concatenação segura, conclusões pouco precisas.

Poucas afirmações, que o Queiroz, mesmo ensinando, não deixava de ser sceptico... Mas.. que formoso talento! dizia de si para consigo o Santarem.

E um sorriso esvoaçou-lhe entre os labios, até ahí trancados pela tristeza.

Ja rever Queiroz, ia para a mesma pensão, quem sabe? para o mesmo quarto, talvez... Não ficaria só, na Bahia.

Essa idea como um consolo ajitou-o, abalou-o da memoria para o presente. E lá se foi êle correr o navio, dar um aperto de mão aos conhecidos, verificar a bagagem, comprar bilhete, etc.

Subito, alguém lhe aponta ao lonje a Bahia, no seu todo e anfituerto, rebrihante de sol, entre o anil azul do céu e o



ceruleo azul do mar, invadindo um com as suas casas, e investindo para o outro com as torres e as cruces inumeras de sua fé...

Santarem, recolhido e deslumbrado, evocou o trecho sublime de Ruy, hino á terra de seus paes, ao «verde ninho murmuroso de eterna poesia», e, ciciante como uma prece, recitou-o cheio de unção.

A arte e a poesia de um jenio contribuíam eficazmente para a sua primeiro adaptação.







# Elojio dos primeiros sacrificados

A Carvalho Filho, bandeirante  
do Novo-ritmo

O aventureiro audaz entrou na floresta virjem.  
E um clamor que nascia do mais profundo da floresta  
bradou-lhe:

-- «Retrocéde!

Tu não conheces, aventureiro, as mil moitas reconditas  
onde o selvajem se oculta e onde a onça te espreita!  
E nem conheces o caminho que te conduzirá  
ao veio límpido  
onde refrescarás a fronte e saciarás a sede!»

E o aventureiro audaz respondeu á floresta:

—«Eu que já sofri, sem pavor, o baque rijo das ondas  
que deante de mim se escancaravam como fauces;  
que já ví fuzilarem no espaço, em pleno oceano,  
os coriscos vermelhos que fulminam,

heí de esperar, impavido, o bote de tuas onças  
e as flexas que me arremessarem os teus filhos selvajens.

E o céu ha de me dar agua para beber!»



E ele seguiu, sem escutar a voz da floresta milenária  
que ainda quíz segurá-lo com seus dedos verdes...

E ficaram, dos dedos tremulos da floresta,  
pedaços de seu jibão, tintos de sangue!

Mais tarde,  
um dos filhos selvajens daquelas terras barbaras  
quíz embargar os passos  
daquele homem estranho que roubava as riquezas  
da terra que não era sua.

Ele falou assim:

—«Homem branco,  
restitue ao fundo quiêto daquele rio  
esse ouro que não é teu...»

Quando o homem branco respondeu ao selvajem,  
um berro brusco repercutiu pelas quebradas,  
e ficou se esgarçando no ar, muito baixo, um véo de crepe.

E o selvajem sentiu que morria sem ter lutado...

Mas, logo, o espaço se povoou de um alarido fantástico,  
e mil sombras, girando como redomoinhos,  
rodopiaram, rodopiaram,  
deante dos olhos esgazeados do aventureiro impavido.

E a terra sorveu-lhe o sangue!

Ele caiu debaixo de uma árvore jígantesca,  
apertando no peito o ouro da terra virjem



## ARCO & FLEXA



e fixando uma nuvem que fugia no horizonte,  
—alva como o pano das caravelas...

Depois, o ouro fulgiu dentro das sombras do crepusculo,  
iluminando, com seu clarão, ainda sujo de sangue,  
a copa muito verde da arvore gigantesca!

E durante essa noite,  
arderam, na esfera azul, vinte e uma estrelas...

**DAMASCENO FILHO**



# TABELLA DE PREÇOS

## DO SERVIÇO FUNERARIO EM AUTOMOVEIS

|   |          |
|---|----------|
| Carro de luxo . . . . .                 | 350\$000 |
| Idem » 1. <sup>a</sup> classe . . . . . | 230\$000 |
| Idem » 2. <sup>a</sup> classe . . . . . | 130\$000 |
| Idem » 3. <sup>a</sup> classe . . . . . | 70\$000  |

|   |          |
|---|----------|
| Carro de luxo com 15 automoveis para acompanhamento . .               | 700\$000 |
| Idem de 1. <sup>a</sup> classe com 10 automoveis para acompanhamento  | 480\$000 |
| Idem de 2. <sup>a</sup> classe com 6 automoveis para acompanhamento . | 250\$000 |
| Idem de 3. <sup>a</sup> classe com 3 automoveis para acompanhamento . | 150\$000 |

Desejando o contratante acompanhamento em MARINETTES,  
estas custarão 50\$000 cada

Trata-se com **Vicente Pacheco d'Oliveira**  
Teleph. Cent. 440 — **CASA ADORNATIVA**  
Rua d'Alfandega, n. 56—BAHIA

### **A opinião do professor Miguel Couto sobre o «Hormocalcio»**



*A associação feliz da opotherapie pluriglandular ao calcio na fórmula denominada HORMOCALCIO do pharmaceutico Granado confirma-se na clinica nos casos de descalcificação do organismo com decadencia de forças; emprego-o na tuberculose, estados neurasthenicos, convalescenças demoradas, etc.*

*Miguel Couto*

(Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro)



# Instituto Bahiano de Ensino

EM APRAZIVEL SITUAÇÃO

CAMPO DOS MARTYRES, 2 e 10 —:— CHACARAS: SARAIVA E MIRANTE

Telephonio Central, 2181

*Internato* para meninos e *externato* mixto (co-educação dos sexos). O mais novo estabelecimento de ensino secundario da Capital, ministrando todos os cursos:

SERIADO, com exames validos, sob o regimen de fiscalização federal e Bancas Examinadoras, em 1ª e 2ª épocas;

COMMERCIAL, diurno e nocturno, com uma succursal da escola dactylographica «ROYAL».

PRIMARIO (base do estabelecimento) com organização propria e exito comprovado.

Regimen de educandario: esmerada educação physica, moral e intellectual, com uma filial na Praia dos Tainheiros (Itapagype) para estação balnearia.

Reabertura:—14 de Fevereiro.

DIRECTORES:

Prof. Hugo Balthazar e Alberto de Assis

## SERVIÇO MARITIMO

DE

**ANISIO F. DE SANT'ANNA**

ESTIVADOR

Rua da Alfandega N. 58 — Telephone Central 961

**BAHIA—BRASIL**

Transporte de mercadorias em lanchas de bordo para terra e para qualquer ponto do litoral ou vice-versa.

Serviços completos de Estiva, Vigias e Conferencias de Cargas.

**FORNECEDOR DE AGUA PARA VAPORES**



# S A M B A

□ Inedito para « Arco & Flexa » □

Oh! zaliamba, ô liamba, ô liambô!  
Oh! zaliamba, ô liamba, ô liambá!  
Oh! zaliamba, ô liambá!...

E os robustos pés da negrada  
Estalam valentes no chão:

Tarratátá, tarratátá, tarratátá... tá!  
Tarratátá... tá!  
Tarratátá, tarratátá, tarratátá... tá!...

E eis que a vóz do «Tiradô»  
Retumba como trovão:

— «Sustenta o samba, negrada,  
Não deixa o samba cair!»

(E o samba não cae!)

Êh! olha o samba, olha o samba, olha o sambô!  
Êh! olha o samba, olha o samba, olha o sambá!...  
Ôh! zaliamba, ô liamba, ô liambô!  
Ôh! zaliamba, ô liamba, ô liambá!  
Ôh! zaliamba, ô liambá!...



ARCO & FLEXA



— «Sustenta o samba, negrada!»

..... Tarratátá, tarratátá, tarratátá... tá!

Tarratátá... tá!

tarratátá... tá!

.....

E a dança, numa alegria barbara,

Findo o dia,

Prosegue, pela noite a dentro,

No mesmo rojão:

.....tarratátá, tarratátá, tarratátá... tá!

tarratátá, tarratátá... tá!

tarratátá... tá!...

J A Y M E G R I Z

Recife



# Bodas de prata

\*\*\* CRONICA \*\*\*

*Lida em festa comemorativa das "Bodas de Prata" dos bachareis em sciencias e letras, da turma de 1903, no dia 9 de Dezembro de 1928, no Hotel Sul Americano.*

Começarei invocando a Deusa Nausica, para que, da mesma forma gentil porque assegurou a Ulisses a tão difficil quão decantada volta ao seu reino de Itaca, queira guiar-me os passos, evitando-me escolhos e conduzindo-me a bom porto, nesta viagem sentimental, lamentando não dispor do poder evocativo de Raul Pompeia, para desfiar-vos verdadeira «cronica de saudades», atravez da qual, fôra para desejar que o cerebro obedecesse apenas aos impulsos affectivos do coração. O desejo insopitavel de reviver comvosco, por instantes, o que foi a nossa vida fraternal, durante seis anos do nosso Curso no Ginasio, cujo termino, já la vae por vinte e cinco anos, hoje celebramos, explica este meu gesto, para consecução do qual, foi mister vencer escrupulos e duvidas de matizes varios.

Certo haveis de perdoar o desalinho do que vos posso oferecer, atendida a intenção muito pura que me conferiu tal corajem.

\*  
\*\*

Vejo na fisionomia de todos, a contrastar a alegria mui sincera, deste momento ditoso, a magua de não nos ser possivel devisar aqui, no logar de honra, aquele vulto gigantesco de poeta, orador e cientista, Pethion de Villar, nosso querido paraninfo, que tanto dignificou o nosso idolatrado berço natal, com os fulgurantes lampejos de sua cerebração multiforme e em tudo privilegiada.

E a secundar tais sentimentos sombrios — a dor, profunda e sem remedio, de sabermos ausente para sempre do nosso convivio, a figura, por tantos titulos simpatica, de Fernando Caldas, outro poeta de raça, que, certamente, se vivo ainda fôra, alem do ambito da nossa saudade, aqui estaria, com os fulgores do seu masculino talento e com os primores dos seus versos impecaveis, a cantar hosanas ao motivo que nos congrega, livrando-vos da minha prosa sincera, mas incolor.

Que possam as almas bem formadas, desses dois amigos diletos, aqui pairarem durante a nossa festa, dando-nos a ilusão da sua presença, a ver se conseguem minorar a profunda falta, que todos sentimos, com a sua ausencia real.



\*  
\*\*

E agora que acabamos de cultuar a memoria dos que se foram, cedendo às contijencias terrenas, que fazem sempre presente a dor onde se procura a alegria, rendamos homenagem aos nossos mestres, aqueles bonissimos amigos e conselheiros que nos guiaram os primeiros passos na vida intelectual, que construíram os alicerces, sobre os quais cada um de nós já levantou, ou tenta erguer ainda o palacio encantado das suas aspirações mais queridas. E, num preito de justiça, consubstancieemos essa oblação a todos eles, no vulto superior, maior entre os maiores, no grande educador e administrador de escol, cheio de saber e de virtudes civicas, aureolado de serviços ao ensino, Manuel Carlos Devoto, na qualidade de nosso Director, sempre acatado e nosso melhor guia.

\*  
\*\*

Agora procurarei perlustrar pajinas da nossa vida, que não podem, nem devem ser esquecidas jamais porque, indubitavelmente são as melhormente vividas, as daquela quadra feliz da existencia, onde tudo é motivo de riso e quando até se descobrem flores onde só medram espinhos, animando-me a tentar tarefa de tal monta, por ter presente ao espirito a frase de Hugo ao afirmar: «Il est permit, même a le plus faible, d'avoir une bonne intencion et de la dire.»

E assim começo recordando com immensa saudade, aquele vetusto casarão que existe lá no Largo da Palma, actual morada de Themis, cons-

truido para abrigo de monjes, depois secularizado, transformando-se no Ginasio da Bahia, cuja fundação era eloquentemente lembrada em quadro de fundo azul suspenso em uma das paredes do saguão, bem em frente á entrada principal, onde letras douradas diziam aquela sentença latina, que o velho Zama, em um dia que nos visitava, nos obrigou a traduzir literalmente, analisando-a, e que, bem vos lembraes, rezava assim:

«Servitio extincto, qua Natio magna vocamor.

Hanc studiosa domun est, nacta juven-ta die.»

Frisando com intenção, duplamente feliz, que aquela colmeia de trabalho e sciencia foi criada, no dia em que, extinta a grande macula da escravidão nós tivemos o orgulho e a gloria de sermos considerados e arrolados entre as grandes nações.

Ali se escoaram os nossos seis anos de estudo e ainda vive na minha memoria, como igualmente viverá na vossa, a emoção sentida quando lá penetramos pela vez primeira a tratar de matricula, tendo logo a ventura de conhecer de perto aquela bonissima creatura, que se chamou o Comendador Sant'Anna, competente e zeloso secretario daquela casa de ensino.

E logo após o inicio do curso, o percorrer daquelas salas que se nomeavam por letras; o salão de biblioteca onde aqueles livros de encadernação severa, alinhados, nos raios das estantes, nos infundiam um certo temor do desconhecido, mesclado de respeito; o grande pateo central onde tanto rusgamos com os inspectores



Nogueira e o velho Cyrino, quando queriam, ciosos do regulamento interno, impedir folguedos próprios da idade, por vezes, incompatíveis com a ordem e a disciplina escolares; um celebre comodo, existente junto á Secretaria, onde estava guardado o cadaver embalsamado de um homem, que diziam ter sido um *tipo de rua* e que vivera em epoca remota que nenhum de nós alcançou; e o salão nobre, modesto e severo, onde tantas vezes brilhou a palavra quente de mestres e discipulos; e o gabinete de fisica e quimica, com os seus aparelhos cheios ainda de misterios para os neofitos que ahi podiam imaginar-se no laboratorio de algum novo Fausto; e ainda o museu de historia natural onde a nossa insaciavel curiosidade se cevava na admiração de especimens de animaes que só de nome conheciamos.

Mais tarde, com o perpassar dos anos, foram ficando gravados no nosso subconsciente varios fatos e episodios escolares, que agora o censor de meu cerebro como ensina Freud, vai deixando aparecerem, para que possa evocá-los, juntamente com vosco, como se estivesse a viver outra vez a melhor parte da nossa mocidade.

Não sei se vale recordarmos os apuros dos fins de ano, a começar pela peregrinação na Diretoria de Rendas, onde perdiamos uma manhã inteira a receber assinaturas e vistos, que mais pareciam sinaes cabalisticos

em uma celebre guia que nos daria o direito á inscrição aos exames.

E as fortes emoções nestes experimentadas, dias a fio, muitas vezes com fome, depois das noites perdidas, nos dois ultimos mezes do ano, quando procuravamos aprender, com açodamento, tudo aquilo que, descuidosamente, deixamos de estudar nos outros mezes do curso. Esses momentos dificeis, dos quais conseguimos sempre nos livrar com galhardia, eram fartamente neutralizados por outros muitos em que o descuido proprio da juventude, nos trazia sempre encantados com a vida e com tudo que nos constituia o nosso habitual ambiente.

\*  
\*\*

Com imenso agrado vejo aqui figura hoje preeminente do nosso alto comercio, e que era naquela epoca o *leader* dos que frequentavam, em certo intervalo de aulas, a casa uma *preta* que fazia um afamado *carúrí*, em que as folhas proprias a tal acepipe disputavam a primeira ao quiabo, acompanhado de um delicioso arroz com mólho de *aiússá* e que era na nossa giria conhecido por *badófe*. Quantas e quantas vezes, sem tempo disponivel para o almoço em casa, para quasi todos bem distante, ali mitigavamos a fome intensa tolerando, impavidamente, com estomagos virjens de dispepsias, toda aquela carga de pimenta, e que nos sabia como o melhor dos manjares. Carlos Costa Pinto.

*Conclue no proximo numero*

**J . T E L L E S**



ARCO & FLEXA



# F A N D A N G O

▣ Inedito para « Arco & Flexa » ▣

Ma-riquinha... nhã-nhã!

Ma-riquinha... nhã-nhã!

Ma... fu... á...

A sanfona parou lá dentro, fanhosa.

— Eta, estrepe de uma figa. Boca do inferno.

— Nossa... Bastião.

— A pedído do bel-sexo... uma porca (seu besta!)

O fumega de querozene fura as paredes de barro, com  
pontas de luz.

Pelas frestas indiscretas vêm-se sombras sambando,  
suando...

Na saleta de terra os pé-no-chão varrem a poeira.

— Abre a porta. Também sô gente.

O cuspo de luz, de budum, de mão cheiro e fumaça  
cáe na noite pele-preta, cá fóra, já bebada.

Vultos sensuaes, cachimbos acesos, escondem-se fur-  
tivos.

(Minha gatinha se diverte...)

H E I T O R                      A L V E S

Itanhandú, Sul de Minas, 1929.



# SOTÃOZINHO

## DA SÉ

◆◆ CONTO ◆◆

Quarto asfíxiado de sotãozinho da Sé, cercado de tabiques com uma janela para rua escura. Cama de ferro ordinária. Cabide a vir a baixo de vestidos, toalhas, combinações. Uma mesinha, cheia de caixas de pó de arroz vazias e duas bonequinhas da Sloper. Por cima, um espelho com cartões e retratos engastados na moldura. Cartões de chôfer, de guardas civis. Postais de «nú artístico». Esquecido numa cadeira, um *soutien* sujo. Ouvese, vizinha, uma vitrola cantando *Jura...*

**Laurentina** está à janela, fumando. Com rápidos intervalos ela maquinalmente chama a quem que não faz tenção de vir:

*Psiiiu!*

Depois de dez ou quinze psius, sãe da janela e atravessa o quarto, cantejando *Ramona*.

Abre a porta.

No corredor dos quartos de tabique, **Presidio** aparece. Mulato, roupas usadas, chapéu de palheta sujo atirado para a nuca.

**Laurentina**, quando o pôde ver

de perto, à luz mortiça das lampadas, juntando as mãos num espanto: **Presidio!**...

**Presidio**, muito surprezo, — Quem é ?

Vocêêê, **Laurentina** ?! Aproxima-se e pega das mãos d'ela. Pausa. Mas, **Laurenzinha**, como foi isso, minha filha ?

**Laurentina**, largando as mãos. — E V. ainda me pergunta, miseravel? V. que foi o culpado de tudo ? !

**Presidio**. Mas não faça assim, Lauren. Eu só não me casei com V. porque o coronel Sebastião falou em me prender e eu fuji com medo da cadeia. Pausa. Mas o que eu tenho passado por sua causa...

**Laurentina**— Não acredito. Não tapeia não, **Presidio**, que eu... lhe... con... hee... ço muito... bem. Soluços.

**Presidio**, com a voz engatinhando. Si V. soubesse quanto eu tenho chorado, também. Ainda o mês passado, eu fui a Sapé, só para lhe encontrar. Mas ninguém me deu notícias suas. Só tia Jo-



ana me disse que seu pai tinha morrido e que V...

**Laurentina**, de olhos escancarados, V. esteve em Sapé, Presidio? Tia Joana, como vai?

**Presidio** — Muito velha já, coitada...

**Laurentina** — E me diga uma coisa, Luiza já se casou?

**Presidio** — Já, minha filha.

**Laurentina** — Com Virjilio mesmo?

**Presidio** — E com quem podia ser? Aquele namoro velho, quase dez anos... Também só assim para ele poder se acostumar com aquela feiura...

**Laurentina** — Sim, senhor, eu gosto muito dela, mas é feia de verdade. Pausa. E quais são as outras novidades, lá de Sapé?

**Presidio**, — recordando-se. Ah! V. Sabe? a casa de seu velho foi levada agora pela enchente do rio. Foram muitas outras também. Pausa. Laurentina chora sem dizer palavra. Foi ali que eu comecei a namorar com V. hein, Lauren, dia da Conceição uem! Quei estava tocando harmonica era Cazuzo do Riachão, que também estava doidinho por V. Como eu lhe apertei na dança, hein, minha filha! Pausa. Não chore não, Lauren. Me faça esse favor, meu bem... Dá-lhe um abraço e repetidos beijos no rosto. Entram no quarto. Mas não faça isso. Por-

que é que V. está chorando, me diga.

Apaga-se a luz por um tempo que fica à discrição dos leitores.

Quando de novo os fogos-fatuos da *Light* luminam o quarto, Presidio está a dar o laço da gravata. Laurentina vem a ele, com os cabelos em desordem, e dá-lhe varios beijos no rosto, nos olhos.

**Presidio**, — meio arobrecido. — Espera ahi, Lauren. Deixe eu dar o nó na gravata...

**Laurentina** — Deixe estar que eu dou. Toma a gravata das mãos dele e dá o laço. No fim lhe lembra alguma coisa e ela de novo toca a soluçar.

**Presidio**, paulificado — O' Laurentina, assim também é de mais, ora! Acende um cigarro.

**Laurentina** — V. onde é que está trabalhando Presidio?

**Presidio** — Sou *garçon* do Hotel Sul America. Lá se ganha tão pouco, minha filha. Quando chega no dia 15, eu já estou sem um vintem.

E tenho de ficar esperando o fim do mês. Agora mesmo não tenho dinheiro nem para o bonde. V. quer um cigarro, Lauren? Oferece a carteira e o fosforo. V. podia me emprestar 5 milreis ahi, minha filha?

**Laurentina** — 5 não, Presidio. Mas 2 mil reis eu lhe arranjo. Imajine V. que eu estou devendo um mês de quarto! Vai á gaveta



da mesinha, abre-a e tira duas moedas de mil reis. Tome, meu filho...

**Presidio**, metendo o dinheiro no bolso. — Bem, Lauren. já vou... Um abraço. Um beijo.

**Laurentina**, — levando-o até à porta, diz mecanicamente: — Apareça... Volta e tranca-se no quarto.

Atira-se na cama e fica uma porção de tempo com os olhos

quietos, depois levanta-se, vai ao espelho, polvilha o rosto de *Sana Cutis* e penteia o cabelo, cantando:

*Ramona!*

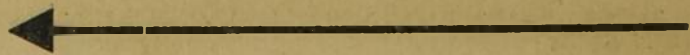
*teus labios lindos de coral...*

Volta à janéla e recomeça a chamar alguém que não faz tenção de vir: *Psiiu!*..

(De «*A Cidade das nove portas*»).

**P I N H E I R O      D E      L E M O S**





# A fuga da Estatua

Aquela estatua nua me acenava de lonje  
num gesto rutilo de tentações mefistofelicas . . .  
E eu corria deslumbrado  
para os braços  
daquela estatua branca . . .

Estava o sorriso doce daquela forma eterea  
por trás de rochas negras e montanhas empinadas,  
por sobre oceanos largos de vagas espumantes . . .  
E eu corria alucinado  
para os braços  
daquele sonho vago . . .

Ah! tentações olimpicas das cousas voluptuosas!  
E o sonho me arrojou aos braços e á bôca  
daquela estatua de linhas caprichosas:  
pernas, seios, curvas,  
tudo,  
num desespero mudo  
eu a estreitei nos braços . . .

Mas, aquela estatua branca,  
— essencia maravilhosa de sonhos inaccessiveis —  
corou ao beijo quente da realidade:

Fechou as orbitas, e encurvou-se.  
Encurvou-se muito no seu manto de marmore,  
rolou do plinto,  
e desapareceu . . .

LAFAYETTE SPINOLA



**Pharmacia Silva**

1 000 1

Tel. C. 1337

Rua Dr. J. J. Seabra

N. 193

**PHARMACIA CENTRAL**

DIRIGIDA PELO

Pharmaceutico Octavio F. Santos

RUA DR. J. J. SEABRA, 120

Telephone Central 791. 1 chamada

Proprietario - Silva Filho

Aberta todos os dias até às  
22 horas

Laboratorio de primeira ordem, completo sortimento de drogas e productos pharmaceuticos.

**ELIXIR DEPURATIVO DE CAJU'**

**Tonifica o organismo e  
augmenta o peso**

**PRETILA**

A melhor tintura para os cabellos

A' venda em todas as Pharmacias e Drogarias



# **QUINTA POMONA**

## **LARANJAS**

**Pomicultura segundo os mais  
modernos processos scientificos.**

Methodo rigoroso de embalagem de  
modo a garantir a conservação  
das fructas.

Aceitam-se encomendas para qual-  
quer parte do Brasil ou do  
estrangeiro

**DIRECTOR TECHNICO E PROPRIETARIO :**

**ENGENHEIRO AGRONOMO**

**POMPILIO BITTENCOURT**

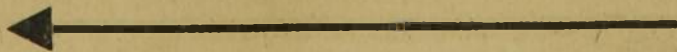
**ADMINISTRADOR CHEFE DE CAMPO :**

**Eng. agronomo MARIO ANTUNES**

**C A B U L A**

**CIDADE DO SALVADOR -- BAHIA**





# ATÉ LÁ!

AGRADECIMENTO DE  
RAFAEL BARBOSA A SEUS  
AMIGOS, NO BANQUETE DE  
26 DE ABRIL, DE 1929.

Meus amigos, meus queridos amigos! — Deante de quem sae da Bahia, e volta, embora por dias, como eu, até as proprias montanhas, como vozes teluricas, assumem formas de interrogações immensas, por sobre o abraço cordial da enseada. E é preciso responder.

Não ha, por exemplo, lá fóra, como aqui, no affecto entre homens de pensamento ou de ação, esse elemento estatico da sinceridade, que faz do amor uma virtude possivel e transforma os espiritos, dentro mesmo de sua continua vibração, numa pausa de misticismos conciliadores.

Vivendo uma epoca a que Kayserling chama do chôfer — no simbolismo restrictivo do pulso forte ao volante da vida em todos os sentidos — só mesmo nos ambientes como o nosso, onde talvez apenas principiam a aflorar as competições materiaes em massa, e que pode ainda coexistir com a noção teorica do dinamismo avassalante do mundo contemporaneo, que rola ao lonje, este sentimento parado

da amizade, que faz nesta noite tinirem taças como corações de cristal. Precisamente o contrario disto é o que mias nos agride a sensibilidade primitiva nos meios maiores do momento. O trabalho anterior de adaptação é um martirio aos emotivos puros. E o desejo unico, senão muitas vezes o recurso de harmonia exterior, é o despreso de toda a bagagem inutil de sonho, como de uma pesada carga afundadora, para que mais leve se fique á flor marulhante da realidade. Sem lirismos embaladores. Sem beatitudes estereis. Sem contemplações infecundas. Embaladores, estereis e infecundas do ponto de vista material dos immediatismos rendosos.

E eu não fui para o Rio, para que essa impressão me desencantasse, vestindo o "ultimo fraque" de illusões daquela pajina marcante do primeiro Gilberto Amado. Nem tampouco arrastando, num fru-fru pretensioso de sedas, as purpuras cegantes, rôtas e mordentes como chagas, de uma experiencia apavorada e inibidora dos idealis-



mos são da victoria. Posso dizer que até então nada havia solicitado á vida — á vida na sua visão panoramica de grande mundo — para que só acreditasse nos seus negativismos dolorosos. E se eu nada lhe pedira, tudo quanto ela me déra fôra o bastante para o animo optimista da luta com que vos deixei, vae por quase dois anos. Mas nem por isto fui implorar ao inferno tumultuoso das cidades maiores o que poderia ter no proprio céo mais perto da minha terra. Porque se eu não sabia pedir, muito mais difficil seria acostumar-me a implorar. O que havia a fazer era lançar no vacuo turbilhonante a somma das minhas forças em equação com as forças, possivelmente adversas, do meio estranho. E vencer, ou diluir-me. Ainda não ousou afirmar que realizei o primelro caso — mal começo! — mas me sinto bem com a esperança que me daes de que me não apaguei com a esponja do segundo... E, nisto, tanto inclúo as arestas materiaes como os contornos espirituaes da nova vida que estou vivendo, felizmente, para tão pouco embora, sem ter ainda suado o sangue das corôas de espinhos do destino.

\*  
\*\*

Perdoae-me a confusão de tudo isto, desde o estilo ás emoções desencontradas desta confissão. Crêde, porem, que aqui ficou, resumida em tantas tonalidades de conjunto, a minha biografia sentimental nestes ultimos tempos, de roldão com as minhas impressões e

apenas postas de lado as minucias domesticas da burocracia inelutavel da vida. Eu não trataria deste assunto, assim em sintese voadora, se não fosse preciso obedecer á nota intelectual de uma parte excessiva desta festa. De coração para coração, eu vos diria somente que não mudei. Mas de cerebro para cerebro, trabalhando embora com ele, e dele fazendo o meu braço lutador, devo dizer-vos, meus amigos, que o sonho — o sonho como abstracção creadora — ia esmorecendo nas minhas cojitações pragmatistas de afinamento com a hora alta de realidades asfixiantes que vivemos lá-lonje.

Sinto-me, porem, transfigurado outra vez. A vossa generosidade conseguiu o milagre. Para agradecer-vos tanto, eu não tenho — e não ha nisto nenhuma espontaneidade de lugar-commum oratorio — eu não tenho palavras agora.

Carlos Chiacchio, este nome que tem sido a unção constante da minha mocidade, do meu affecto, da minha gratidão filial de espirito — Carlos Chiacchio, falando ha pouco por vós todos, mas falando sempre por ele mesmo, deu corda de novo á **Caixa de Musica** de todos os meus sonhos de poesia — sonhos tão injenuamente recuados deste tempo rumoroso de victrolas e radios... Pois bem: será o gesto afinal decidido de lançá-la, em livro, aos quatros ventos da publicidade, a forma melhor de agradecer, dentro em breve, o vosso sopro reanimador das cinzas do meu ideal de beleza. Até lá!





## PUTIRUM

INEDITO, PARA "ARCO & FLEXA,"  
DO "CLUBE DE ANTROPOFAJIA", DE  
S. PAULO.

Vamos lá pô putirum  
Putirum Putirum  
Eu vou lá comer tapioca  
Putirum Putirum

Casão das farinhadas grandes  
Caboclas trabalham nos ralos  
mastigando cachimbo  
Chia a caroeira nos tachos  
Mandioca-puba pelos tapitis

— Joaquinha Vintem conta um caso.  
— Causo de quê? — Qualquerum  
— Vou contar causo do Bôto  
Putirum Putirum

Amor chovi-á  
Chuveriscou  
Tava lavando roupa sózinha  
quando Bôto me pegou



— O' Joanhinha Vintem

Bôto era feio ou não?

— Ai, era um moço loiro, maninha,  
tocador de violão

Me pegou pela cintura...

— Depois o que aconteceu?

Gente,

Olha a tapioca embolando nos tachos.

Mas que bôto safado

Putirum Putirum .

**RAUL BOPP**

Do "COBRA NORATO"

S. PAULO



# “CICLE-BALL”

GARANTIDO PELA CARTA PATENTE N. 13.479

**EMPRESA TAGLIAFERRI & C.**

— O REI DOS SPORTS NA BAHIA —

Todas as noites grandes torneios disputados por habéis  
cyclistas contractadas no Rio e em São Paulo.  
Quinta-feira — Estréa do melhor Jazz-Band da Bahia  
sob a direcção do conhecido saxophonista  
Jorge Rosas e do pianista Ubaldo Sardinha.

→ **Todos ao “CICLE-BALL”**

**RESTAURANTE E BAR**

**GARRIDO**

— DE —

**José Garrido & C.**

**Rua Grades de  
Ferro, 102**

**COSINHA DE 1ª. ORDEM**

Grande sortimento de Bebidas  
e conservas

**CASA** *ATLAS*

**A DETENTORA DA MODA**

**CALÇADOS FINOS  
E ELEGANTES  
PARA SENHORAS**

**TEL. C. 7**

**RUA CHILE, 10  
BAHIA**





# N O T I

## O QUE A CRITICA E A IMPRENSA DO BRASIL CONTINU- AM A DIZER DE « ARCO & FLEXA » :

**Nestor Victor**, o consagrado mestre de duas gerações, a simbolista de que é o crítico autorizado e a modernista de que é o caloroso animador, com uma obra literária, entre crítica, poesia, romance, conto, ensaio, viagens, conferencias, moral e erudição, dentre as quaes podemos destacar **Transfigurações, A Hora, A Critica de Ontem, Folhas que ficam, O Elogio do Amigo e Cartas á Gente Nova**, escreve, em rodapé do brilhante e popularissimo **Globo**, de 11-3-929, do Rio:

LETRAS BAHIANAS—No movimento dos chamados vanguardistas, que se foi generalizando de sul a norte e hoje tem representantes quasi em todo o Brasil, faltava ver-se figurando a Bahia.

Rafael Barbosa, que é de lá, mas reside actualmente no Rio, aproximara-se de uma das correntes em que se dividem esses novos representantes das letras. Tactante, porque é muito moço, ele, dentro em pouco, nas suas

publicações de poeta pelas revistas, pelos jornaes, revelava-se com a sensibilidade característica da expressão que o após-guerra trouxe no verso, embora sem apoiar a corrente nascida do dadaismo europeu. Por isso, quando appareceu a «Festa», que Tasso da Silveira e Andrade Muricy dirigem, figurava em breve entre os colaboradores desse mensario.

E' natural que sua attitude estivesse acorde com as inclinações daqueles seus patricios de quem passou a viver distante, mas em cuja atmosfera, antes de vir para o Rio, principiara a formar-se. Tambem é muito explicavel que, não perdendo de vista seus amigos da provincia, antes mantendo com eles contacto, pelo forma que é possível á distancia, não lhes fosse a eles indifferente essa attitude do companheiro constante, no meio amplo para que viera.

Como quer que fosse, não tardou muito, Carlos Chiacchio, um espirito que já não se pode propriamente dizer



# C I A R I O

juvenil, mas ainda disposto para estas nobres guerrilhas pelo ideal como serão poucos rapazes de vinte anos, começou a escrever por lá fervidos folhetins — ele é caracteristicamente um crítico — que ecoaram até aqui.

Antes de tudo eram esses trabalhos um brado de alerta á Bahia. Misoneísta, esta se estava deixando ficar na inercia — achava ele — sem nenhuma participação na efervencia inegavel da hora literaria em que já iam entrando até outros centros de cultura nortistas sem a tradição e sem as responsabilidades que tem a terra onde o Brasil acordou primeiro para a vida do espirito.

Em todo caso, não vinha Chiacchio deslumbrado indistinctamente com as novas tendencias, ruidosas dos que fóra da Bahia se propunham fazer um novo Brasil, capaz de entrosar no mundo novo que se vê claramente vir espontando.

Ao par de todo o movimento de ontem como de hoje, aqui e fóra daqui, além disso perspicaz e arguto, ele não se deixa dominar por hipnotismos de momento, por naturezas cujo defeitos, cujas deficiencias a audacia, a capacidade proselitista, que têm, escurecem, pondo-as em forte, ás vezes em incontrastavel relevo.

Querendo tirar o meio em que vive de uma situação apagada, inevitavel ás terras onde por amor ao que foi se

recusa participar do que é, ele, contudo, viu bem o erro dos que para serem querem fazer taboa raza do que foi. Dos que pensam até, visto que nada de muito famoso realizamos por enquanto, ser melhor partirmos do primitivo autentico, feraz e feroz, mas ao menos injenuo, sem sombra de imitação a ninguem . . . Isso, aliás, por influencia do freudismo europeu. Uma maneira de bolcheficar o mundo como será outra qualquer.

Foi por essa razão que tambem ele, quando a «Festa» apareceu aqui no Rio, manifestou franca preferencia por esses moços, que a seu ver vinham fazendo «tradiccionismo dinamico». Carlos Chiacchio e Rafael Barbosa coincidiam assim na mesma simpatia.

Vendo-se, no entanto, as cousas de mais perto, nota-se que entre os proprios «totalistas» (como eles se chamam), da revista publicada no Rio, e o forte critico bahiano não ha perfeita semelhança, que, de facto, não podia haver.

Fundo classico como tem o bahiano unicamente o maranhense tambem terá. Sente-se que Vieira e a gente de seu tempo deixaram marca em São Salvador como em São Luiz, cousa que até hoje não se apagou de todo. Para honra da cultura do norte. João Francisco Lisboa e tanto tempo depois Ruy Barbosa não seriam sem isso o





que foram, no aspecto vetusto, embora modelar, que lhes foi proprio.

Lisboa, de pouca imaginação, além disso, por caracter, desenganado e veraz como um homem pode ser, não se deixou contajiar pelo gongorismo, a que pagou bom tributo o ardido e brilhante roupeta seiscentista.

Ruy Barbosa, porém, pela propria natureza de seu genio, essencialmente politico, combativo, e animado, como o de Vieira, por tão grande quanto propulsora vaidade, até nesse defeito com o grande jesuita se parece. A enfase arrasta-o muitas vezes ao preciosismo.

Chiacchio, t multuando embora em periodos pequeninos, para estar com o gosto do instante, lembra-nos por vezes a enfase de Ruy Barbosa contra cujo modo de ser, nesse ponto e em tantos outros, os moços da «Festa», por indole e por educação de espirito, radicalmente se opõem.

O curioso é que o gongorismo do novo escritor bahiano já se prende a outra corrente bem diversa daquela a que Ruy obedeceu.

Tem muito da maneira simbolista na prosa. Aqui ou ali, o que ele escreve faz-me lembrar o «Missal» e as «Evocações» de Cruz e Souza — também gongorico por excelencia, não obstante a disparidade que vae entre ele e os seiscentistas ou seus imitadores.

Uma cousa, porém, separa o proprio Cruz, de Carlos Chiacchio: é que neste também se nota nitida influencia dos cientistas. Vê-se que desde Tobias Barreto até Hermes Fontes taes espiritos influiram na sua forma-

mação. Cruz e Souza em grão nenhum foi simpatico a essa corrente. Também nos escritores que dirigem a «Festa» pode que ainda se encontrem resquícios do simbolismo, mas do simbolismo, tão só, cousa que não é nada incompativel com a corrente espiritualista a que eles pertencem.

Por essa razão tem o caminho aberto para representarem a hora actual de acordo com a sensibilidade que a esta é propria, dentro de uma das tendencias que a caracterizam.

Em Carlos Chiacchio ha qualquer cousa que o embarça para tanto. O monismo de Tobias e o evolucionismo de Hermes Fontes não podem levar para o primitivismo, é certo, mas a tendencia francamente espiritualista também não se harmoniza com eles. Questão de principios, mas que influe, por força, na sensibilidade estetica.

Uma cousa é cominum a Chiacchio, aos «totalistas» da «Festa» como aos proprios «antropofagos» do primitivismo: é a preocupação predominantemente nacionalista que eles todos trazem. Isso e mais uma dose forte de pragmatismo, dando-lhes o entusiasmo pelo que somos com que vêm e a fé que trazem no que seremos amanhã.

Nesse ponto a geração está coesa e talvez dahi resulte que o futuro veja harmonicos entre si, em certas linhas geraes ao menos, esses novos valores nossos, embora eles pareçam no momento exercer aborrecida acção dispersiva.

Percebe-se que antes mesmo de iniciar seu combate pela escrita, de modo a fazer-se ouvir fóra do proprio



meio em que vive, o decidido crítico bahiano já vinha de longe influenciando nos jovens espiritos de sua terra por convivência reiterada, prestigiosa.

Bastará «Arco e Flexa», uma revista que esses moços lançaram há cousa e poucos mezes, para demonstrá-lo.

O artigo inicial do primeiro numero (outros não tenho recebido) é dêle. E' um programa, em que sentimos a autoridade de um reconhecido mestre.

Mas, quando mesmo Chiacchio ali não figurasse, fácil nos seria sentir-lhe a influencia no espirito geral, de «tradicionalistas dinamicos», com que se apresenta esse pujilo de jovens espiritos.

Vê-se que como o seu mestre eles vivem preocupados com toda a produção do vanguardismo actual no Brasil, mas tendo o proposito de «seleccionar», guardar «o senso da medida, o gosto do melhor», como Chiacchio lhes recomenda, para que sejam dignos das tradições bahianas.

Todos têm menos de vinte anos. Nenhum escritor definitivo, pois, ali se apresenta. «Apenas brilhantes vocações» segundo o proprio paraninfo.

De acordo ainda com este, dois ou tres deles revelam especial predileção pelos directores da «Festa», aqui do Rio. Não faltam outros que lancem epigramas contra os «futuristas» de S. Paulo.

Não só por ahi podemos ver a influencia que têm o communicativo escritor da Bahia na mocidade ora estreatante de lá.

Carvalho Filho, que figura entre os

colaboradores de «Arco & Flexa», já publicou um livro de versos, «Rondas», a que só hoje posso fazer uma referencia.

Olhando-se principalmente para a tão pouca idade que tem o autor, seu volume de estrêa é inteiramente invulgar.

Ha nesse joven a promessa de um poeta pensador que pode ainda fazer na verdade um nome.

Ele tem, sobretudo, tintas e tem pendor filosofico. Mas por emquanto é torcicolado em excesso, de modo que força a prestar-se aguda atenção ao que ele faz para gozar-lhe as belezas. Estas, além disso, são ainda de segunda mão, até certo ponto. Um Hermes Fontes pormenorizante — é o que ele no seu panteismo nos parece — portanto sem os grandes estos proprios a este, complicado o fenomeno com o gongorismo de certos simbolistas.

A influencia de Carlos Chiacchio na formação deste espirito, até o ponto em que ele está, me parece bastante sensível.

Eugenio Gomes, autor de «Moema», outro moço bahiano, igualmente poeta e de que também só hoje posso dizer alguma cousa, esse creio que já passou dos vinte anos. Pelo menos não figura entre os novinhos colaboradores de «Arco & Flexa».

Não pude conhecê-lo, quando ele passou há pouco alguns dias no Rio. Tal presumo porque este livro indica mais avançada fase de formação.

Mas, sem duvida, não é nada estranho, também, ao ambiente onde





Carlos Chiacchio influe, tanto que lhe dedica o seu livro, reconhecendo nele, explicitamente, seu mestre.

Nem era preciso recorrer a taes indicações. Vê-se: ha em Eugenio Gomes por emquanto um simbolista que mal se disfarça transijindo o ritmo e na falta de rima com os vanguardistas de hoje.

Desses, alem disso, aproxima-se pela preocupação nacionalista que o nome de seu poema bastará para evidenciar. Preocupação que não se encontra em "Rondas", de Carvalho Filho — cousa, direi de passagem, que em nada, aos meus olhos, depõe contra este. Nacionalismo por sistema está errado.

Mas, seja como for, ha nele uma nota pessoal, um encanto proprio que nos faz imaginar seja esse poeta um dia capaz de produzir cousa nova, dando á Bahia, talvez, o papel com que sonha Chiacchio, de um espirito modernizante, mas impondo ao que faça um cunho tão nosso, e tão aceitavel por todo o Brasil, como nenhum dos novos escritores pôde ainda conseguir.

Ha em "Moema" uma frescura e uma claridade (não digo clareza) que nos fazem pensar nos nossos românticos — unicos cuja escola chegou a ser na verdade, popular entre nós.

Depois, neste moço nada vejo da influencia dos cientistas. Nesse ponto a de Chiacchio, portanto, não se faz sentir. Outra razão é essa pela qual pode que lhe seja possivel bem assimilar-se á corrente espiritualista de hoje, cuja feição geral é tão simpatica á indole do nosso povo.»

**Osorio Borba**, o fulgurante panfletario, jornalista de raça, talento e cultura das mais actuadoras da nova geração, autor admirado de **Medalhinhas e Medalhões**, exercendo, atualmente, com o fino gosto das suas letras, a critica no forte **Diario Carioca**, em seção sob o titulo de **Movimento intelectual**, com a simples assinatura de **B.**, escreve, naquele orgam:

«O MOVIMENTO INTELECTUAL — *Arco & Flexa* é a revista que nuclêa, hoje, a actividade intelectual da mais nova geração bahiana. Reflete um movimento literario que se processa com uma vitalidade de que muito ha a esperar. Um movimento que se filia, até certo ponto, ás novas correntes, e segue os ultimos rumos traçados pelos leaders da agitação modernista.

*Arco & Flexa* é o sinal de uma tendencia para a integração verdadeira e intima dos espiritos, na realidade brasileira. A Bahia, com as suas tradições encantadoras, a sua vida e os seus costumes tão caracteristicos, está toda nessa literatura joven, que apenas surge. Ha no verso e na prosa da revista todo o encanto de um profundo sentimento da terra bahiana.

O sr. Carlos Chiacchio, que é um mestre da geração nova na Bahia, um mestre sobretudo pelo seu dom majico de animador, diz no portico deste segundo numero de *Arco & Flexa* palavras de entusiasmo e de fé sobre o movimento que ela condensa; e traça os perfis das figuras que lhe parecem as mais significativas do grupo. Rapazes, rapazes de menos de 21 a-



nos, todos eles; valores que se entremostrom, apenas, alguns deles já afirmações ponderáveis: Eurico Alves, que publica uma página sobre «Minha Terra», deliciosa pelo pitoresco e, o característico das imagens; Eugenio Gomes, cujo livro de estréa foi saudado como um triunfo; Carvalho Filho, Pinto de Aguiar, Helio Simões, Ramayana de Chevalier, José Queiroz Junior... Sente-se em *Arco & Flexa* a ausencia de Godofredo Filho, poeta dos mais pessoas, dos mais verdadeiros, entre os que o movimento chamado modernista revelou, por todo o Brasil.

Do sr. Carlos Chiacchio ha ainda na revista, um poema sobre motivos de carnaval, uma farsa meio absurda, de imaginação extravagante e ritmos desordenados — uma arlequinada em que ha um fundo de doloroso lirismo, um estribilho sentimental, que é a lagrima furtiva na alegria e no tumulto da mascarada. **B.»**



**Renato Almeida**, figura de prol no movimento intelectual do Brasil, não só como autor de livros substanciaes, como **Em relevo**, ensaios de literatura, **Fausto**, ensaios de interpretação filosofica, **Formação**, ensaio de sociolojia nacional e **Historia da Musica Brasileira**, ensaios de critica artistica, senão ainda como ajitado de idéas e emoções nutridas de espirito novo, escreve, no **Movimento Brasileiro**, magnifica revista carioca de que é o director e redator, em o numero de janeiro deste ano:

«OS NOVOS DA BAHIA — Por toda parte o modernismo se apossa da intelijencia brasileira e a liberta. Os escritores e artistas novos, que surjem cada dia, cheios de mocidade e de alegria, fortes, joviaes, brasileiros, nos encham de confiança nesta terra, que a imitação estrangeira tentou deformar. Nenhum deles se preocupa com a Grecia, nem com as cathedraes goticas, nem com os amores de Camões. Eles querem saber do Brasil, dos nossos matos e dos nossos sóes, da nossa gente que se fórma, dos seus cantos e das suas lendas, das suas vidas, das suas esperanças e das suas dores. A fascinação os atordôa, para a obra de criação fecunda. O sr. Coelho Neto é o *ultimo dos helenos* e está recolhido ao museu da Academia.

Os moços do Rio Grande, do Ceará, o grupo *Verde* de Cataguazes, os da Bahia, para não falar nos de S. Paulo e do Rio, são a intelijencia valorosa do Brasil. Ainda agora, aparece na Bahia, centro de tradicionalismo impertinente, terra do latim, da gramatica e do prof. Carneiro Ribeiro, aparece ali, bem no fóco passadista, um grupo de jovens poetas desabusados e se inscrevem entre os reformadores modernistas. Já falamos de Eugenio Gomes, Godofredo Filho, Herman Lima, Rafael Barbosa. Ao seu lado, Carvalho Filho, que acaba de publicar um livro de emoção nova — *Rondas* —, cheio de lirismo e inquietação, Pinhefro de Lemos, Ramayana de Chevalier, Pinto de Aguiar, Helio Simões, De Cavalcanti Freitas, Jonathan Milhomens, Eurico Alves, José Queiroz Junior, todos com menos de



vinte anos, que se lançam á luta, com uma revista curiosissima *Arco & Flexa*, e prometendo livros. Apresentou a nova publicação o sr. Carlos Chiacchio, cujo entusiasmo pelo modernismo temos alegria de proclamar. Desse manifesto, devemos acentuar as suas idéas por uma cultura universalista, sem perder o contacto da terra, peia distinção entre as tradições falsas e as dinamicas, que orientam o modernismo, e pela guerra ao primitivismo incompreensível. Certo, ha reparos a fazer no desenvolvimento de algumas tendencias, mas, em essencia, eles estão justos, porque estão com o Brasil e confiam no futuro.»

— — —

**Sud Mennucci**, actividade critica de quase vinte anos em paginas de imprensa, sobretudo do **Estado de S. Paulo**, critico que timbra pela sızudez e competencia de seus juızos, autor celebrado por livros de exito como **Alma Contemporanea**, **Humor** e **Rodapés**, traçando em folhetim do jornal acima referido, de 23 — 2 — 929, um largo e seguro ensaio sobre as revistas de letras do movimento, conclue:

«Outras revistas estão agora surjindo, mais urbanas nas suas atitudes, mais compostas nas suas franquezas, mais moderadas nas suas expansões, mas sempre e de qualquer forma, revistas de critica e de exame aos problemas nacionaes. Sem falar que se está annunciando o resurjimento de *Terra de Sol*, reanimada pelo mesmo *Annuario do Brasil*, são destes ulti-

mos mezes tres empreendimentos que convem acompanhar na sua evolução, quando nada para verificar ao menos, se lhes acontece a eles o mesmo que já tem sucedido a tantos outros. Refiro-me á *Critica*, *Movimento Brasileiro* e *Arco & Flexa*.

As duas primeiras são do Rio de Janeiro e dedicam-se ao balanço mensal da actualidade brasileira, no que a palavra tem de mais compenetrado e fazendo exame de consciencia que nos revelem os processos internos, quasi sempre despercebidos, de nossa maneira de crescer e de viver que pode estar — e tão frequentemente está — completamente fóra da realidade necessaria ao nosso caso.

Ainda que fosse possivel censurar-lhes a ambas um bocado de janse-nismo na insistencia com que pleiteam um rejimen de disciplina social — através da educação, já se vê — nem sempre proprio á nossa mentalidade de latinos, se não raciaes, historicos — e esse sempre foi o vicio de todas as reformas que inventam figurinos de civilisações muito bonitos para acabarem caindo mal depois da confecção — a verdade é que ambas têm a franqueza e a corajem moral em altissima conta e não recuam em chegar a uma conclusão evidente, mesmo quando ela possa chocar ou ferir os nossos melindres, as nossas susceptibilidades e as nossas venerações.

*Arco & Flexa* chega-nos da Bahia, da velha S. Salvador que durante trezentos anos foi o centro de união do paiz e que, decaindo da sua posição de capital, nunca mais perdeu a as-



endencia espiritual que lhe outorgara essa privilegiada continjencia do Brasil-colônia. Ficou-lhe nos hábitos e na tradição, a fidalguia das metrópoles.

*Arco & Flexa* apresenta-se como um *mensario de cultura moderna* e tem os seus intuitos definidos por Carlos Chiacchio, outro lucido espírito moço, abeberado nos clássicos, mas que não perdeu, por isso, o contacto vivificador da terra e da humanidade de hoje.

Ouçamol-o, que vale a pena:

«Não ha povos sem tradição. O proprio sentido de viver é uma tradição. Se viver é continuar, é permanecer, é transmitir, na tradição se circunscribe a vida. A vida nacional de cada povo na vida universal de cada época. Quanto a nós, não sei como desconhecer uma tradição, uma vida, uma continuidade. Belas ou feias, boas ou más, tristes ou alegres, as oriens da nossa tradição, resultante somática de tres raças unidas no momento em que cresciam para o desejo da immortalidade, não ha que repudiá-las em nome de outras probabilidades de beleza, que podem existir, como existem, para outros povos, mas, para nós, não têm prestimo, porque contrarias ao nosso desenvolvimento na historia.»

Seria um falar estranho esse para um *mensario de cultura moderna*, poucos anos atrás, quando nos assaltou aquele conhecido acesso de *colite futurista*. Hoje não, é normal e legitimo. Resulta da volta ao senso das proporções e da harmonia a que me referi numa cronica anterior a proposito de versos.

Carlos Chiacchio não julga, porém, que a tradição nacional possa conter com as culturas alienígenas:

«Creio, com Maurice Barrés, que o universalismo da cultura não prejudica o sentido immanente da tradição regional. Antes o tonifica e melhora o afirma, A questão é que o não percamos de vista, nem deixemos de o conciliar nas nossas menores ações de homens emancipados. A cultura universalista refina a sensibilidade local. O homem europeu é a mascara. O homem americano é a tanga. Trocamos-las, como era preciso trocá-las. Mas o verdadeiro americanismo permanece tanga, arco e flexa. E não mascara, florête e luva...»

Fica assim compendiada e descrita a trajetória de *Arco & Flexa*: duas linhas convergentes e, portanto, necessariamente divergentes, que nela se cruzarão para, flor de Penelope ás avessas, transformar as conquistas do futuro em patrimonio de ontem: «o que se não pôde compreender é essa volta ao primitivismo integral sem o respeito á tradição adquirida».

«Não queremos correr cruamente com o passado. Não devemos estraçalhar as raças do presente. Nada de violencias nem de clangores. O senso da medida. O criterio da seleção. O gosto do melhor.»

Tudo isso, por certo, sem esquecer o Brasil e «sem alusões a Pery,» o que quer dizer sem respeito a criterios de escola, a prisões de egrejinhas, a circulos de perús sectarios...

Porque «Arco & flexa» «é uma senha





de independência, liberdade, autonomia. No gesto e no ritmo. No pensamento e na arte. No carácter e no coração. Memória da pátria verde, virgem, vibrante. Sem demagogia nem ênfase. Sem artificialismo nem retórica. Espontânea, natural, sincera. Arco de céu, flexa de sol. Mais lindo que o ramo de café, mais verdadeiro que a folha de fumo, mais flexível que a espátula de cara. Não é todo o Brasil. Mas é um bocado de Brasil na simplicidade geométrica de um símbolo.»

E' um programa capaz de interessar os mais indiferentes e os mais scepticos. Objectar-se á, talvez, que não é novo. Sem duvida. Mas, que é inédito cá em baixo?

Que é vaidoso. Claro e, por isso, mesmo altamente elojiavel. A vaidade, virtude que, por efeito de um estranho daltonismo social, passou á categoria de vicio, é elemento precioso e insubstituível, tanto nos individuos como nas colectividades para preservá-los do perigo das impressões facéis e, portanto, das sugestões, das copias e das contrafações. A vaidade é o unico factor capaz de manter a consciência das individualidades fortes cada vez mais elas mesmas e cada vez mais vincadas.

E ninguem negará que o programa, talvez por efeito da apresentação tem, além do mais, o encanto sugestivo da Beleza. Isso só lhe bastaria.

Que os numes brasileiros auxiliem a mocidade da Bahia a realizar folgadoamente essa tarefa e a cumprir o que prometem.»

**Samuel Campêllo**, escritor interessantissimo de saborosas crônicas de arte, com nome aureolado já pela consagração das platéas a que tem servido com o chiste e a graça de sua inesgotável sciencia do riso bom, sadio e feliz, como de seu fecundo enjenho de peças trabalhadas a primor, como «Aves de Arribação», «A Honra da Tia» e «Rosa Vermelha», conhecida da Bahia, e ultimamente vertida para o italiano, poeta, cronista e, sobretudo, teatrologo de fina pólpa, escreve, na «Provincia», de 6-1-929, de Recife, estes topicos de delicioso humor, através dos quaes vibra a nota purissima de sincero affecto ás coisas e aos homens da nossa terra:

### **Não é só vatapá o que tem a Bahia**

*Na Bahia tem vatapá,  
tem carurú, mas também  
tem literatura moderna...*

(Especial para a **PROVINCIA**)

Tudo é moda. Pois não está sendo moda também o assunto Bahia nas letras de nossa gente nova?

Aliás a Bahia sempre deu o que falar. Desde quando Caramurú meteu a espingarda para os ares e deu um tiro fazendo brotar o amor no coração de Paraguassú (bem me parece que o amor vem do fogo) até a escolha do dr. Mangabeira para a pasta do Exterior— onde está fazendo um bonito — a Bahia vive sempre na ordem do dia. Isto sem esquecer o bispo Sardinha que, por ironia do nome, foi assado na brasa;



mestre Thomé de Souza — ainda hoje perpetuado na conferencia d. Eulina do mesmo nome — o poeta Lagartixa, o flautista Dixinguinha e até o general Sotero de Menezes, heroe do S. Marcelo e de outras bravuras.

E então a Bahia não «havéra» de dar de falar?

**Ai, seu Lopes, as mulatas...**

Mulata velha sacudida, de «manta trançada, de trunfa enroscada, mimosa chinela trazendo-a calçada na ponta do pé» (Arthur Azevedo. «A Capital Federal», mil e tantas edições assassi-nadas por Brandão Sobrinho e que taes).

Bahia, mulata velha, quem te conhece mesmo de lonje, quem apenas te dá um cheiro no cogote, como eu quando por ahí passei quatro vezes — ida e volta — somente para comer vatapá na ladeira de S. Bento, tem uma vontade doida de ficar juntinho de ti mordendo as tuas pipocas torradas e se lambendo todo com o teu acarajé.

Mulata velha gosta de rezar a São Cipriano e falar da vida alheia.

Por isto, mulata, essa gente toda pra se vingar de teu feitiço anda enfeitiçada a falar de ti nos livros e nos jornaes.

**Assunto que tem pano para as mangas**

O assunto Bahia tem dado pano para as mangas a muita gente bôa.

Tem sido batido em prosa e verso.

Lá vem Jorge de Lima, lá vem Silvino Olavo, lá vem Gilberto Freyre, lá vem Austro-Costa, lá vem Ascenso Ferreira, lá vem Waldemar de Olivei-

ra, lá vem Vicente Fittipaldi, lá vem um bandão de jornalistas e poetas falando da Bahia.

Ih, quanta coisa bonita da Bahia!...

Mulata velha para que foste mexer em casa de maribondos?

Lá me vou eu tambem, maribondo sem asa, a falar da Bahia.

E eles dizem que lá tem coisa gostosa pra gente comer, tem egrejas bonitas pra gente ver, tem mulatas mais bonitas pra gente gostar, tem elevador pra gente subir, tem plano inclinado para gente descer...

Foi lá que o Christo nasceu, minha gente!...

*«Dizem que Christo nasceu em Belem.*

*A Historia se enganou  
Christo nasceu na Bahia  
meu bem,  
e uma bahiana o creou.»*

**Não é só vatapá o que tem na Bahia**

Mas na Bahia não tem só vatapá nem somenté carurú, nem laranjas, nem agua de côco de Itaparica, nem azeite de dendê, e giló, e pimenta...

Não tem só a poesia satirica de Gregorio de Mattos e Laurindo Rabello, nem só o estro de Castro Alves, a cabeça de Ruy Barbosa e a politica de Cotegipe ou Zacharias de Góes...

Nem só o 2 de Julho, soror Angelica, a festa do Bomfim, as egrejas velhas, e toda essa tradição da terra mais tradicional do Brasil...

Nem só a diplomacia de Mangabeira e a energia sempre moça do velho Seabra...



Tem gente nova que sabe ler e escrever.

### Tem um tal de Carlos Chiacchio

Aliás Carlos Chiacchio veio de Minas. Da terra da manteiga e dos queijos, do Triângulo e das alterosas. Mas ficou na Bahia, onde estudou medicina e deu em cheio.

“Libertas quae sera tamen”. Libertou-se da gordura do queijo, misturou a manteiga com azeite de dendê, mexeu o angú de carço, e está mostrando á Bahía, á Minas, a nós todos como a cultura ajuda o talento e essas duas coisas reunidas fazem de ‘Homens & obras’ (sua seção na “A Tarde” bahiana) muita coisa aproveitável para as letras brasileiras.

Carlos Chiacchio analisando “obras” e animando “homens” é a maior alma da nova mentalidade bahiana, formando em torno de si moços que sabem onde têm o nariz e enxergam longe sem o auxílio de oculos de alcance.

Chiacchio tem um livro que vale uma porção de livros. “Os Gryphos” é uma análise fria e cortante (não estivesse o autor habituado ao uso do bisturi) da literatura de muita gralha que se enfeita com penas de pavão.

Grifo, na acepção de Chiacchio, é o individuo plajário, o apropriador das idéas alheias, o punguista literario. Tem asas para voar em cima dos outros e garras para rapinar o trabalho alheio.

No seu livro não sabemos se mais admirar a erudição e o estilo do autor ou a sua coragem de enfrentar a lejião dos grifofilos.

Ah, se Chiacchio viesse até cá...

Aqui ha cada grifo!..,

### Tem Moema, de Eugenio Gomes

Eugenio Gomes é outro novo que honra as letras bahianas. Mandou-me o seu livro! O primeiro livro modernista da Bahia, como diz Carlos Chiacchio, em *Homens & Obras*.

E’ *Moema*, Livro de versos. Versos do momento. Versos bem versos, cheios de uma inspiração sadia e muita coisa nossa e muita beleza do Brasil. O titulo é um simbolo.

“O corpo de Moema guardava o segredo da terra immatura. . .”

“Terra de Santa Cruz  
deixa-me pôr o ouvido no teu chão  
para escutar o rumor profundo desse  
eolo musico  
onde fervilha o enxame subterraneo  
das pepitas do ouro”

«Mar enjaulado  
mostra-me o mar solto que engulia as  
náos  
e enterrava as presas na lombada dos  
montes  
Monte Pascoal! . . . Santa Cruz . . .  
Brasil!

Talvez a poesia mais bonita do livro. E esta outra tão linda: *Palavras a uma arvore*.

«Arvore moça, cuidado!  
Todas as arvores que te cercam  
conspiram contra tua beleza»

E ha ainda *Oração, Negro Kibungo*  
*A mãe da lua, A ronda das caiporas...*»

Poeta moço, cuidado  
muita gente que vive a te apertar a mão  
tem inveja de teus versos.



**Tem a companhia de «Arco & Flexa»**

*Rondas* — mais um livro que me oferecem da Bahia. É Carvalho Filho. Outro que surge para lutar e vencer. E por isto vem todo de verde, numa côr de paisagem do campo, numa côr de asa de esperança.

Ronda de vida, ronda de batalhas, ronda de vitórias.

Carvalho Filho — poeta panteista em versos modernos:

«Ser arvore! . . .

Tet, no amargo.

a consciencia positiva do ser organico»

. . . «e não ter olhos

não ter braços

não ter razão humana para um encantamento  
consciente do deslumbramento.

ser arvore! . . . »

Folha tenra, folha tenra,

doçura de humildade humana

. . . olho, humilde de arvore oculta  
que olha

a Vida, folha tenra !»

E o livro todo assim, numa ronda em volta da natureza e da vida, fecha com quatro parabolas onde o sonho

verde do poeta ainda se veste com a roupagem das arvores amigas.

Carvalho Filho é de *Arco & Flexa*. Desse mensário que veio até nós revelar a Bahia moderna e que tem no seu nome o seu maior programa.

*Arco & Flexa* que tem Pinto de Aguiar, que tem Ramayana de Chevalier, Helio Simões, De Cavalcanti Freitas, Damasceno Filho, Jonathas Milhomens, Eurico Alves, José Queiroz Junior...

*Arco & Flexa* — Brasil! Paraguassu, Moema, Camarão, Ararigboia, Timbira, Iracema, a princeza Arco-Verde.

A historia e a lenda.

*Arco & Flexa*—Brasil novo que reaje contra a invasão estrangeira.

«Na Bahia tem

côco de vintem»

Mas na Bahia tambem tem côco de tostão...

Côcos de tostão: Chiacchio, Eugenio Gomes, Carvalho Filho, os de *Arco & Flexa*.

Côcos de tostão...

E, por isto, juntei-os ao assucar de Pernambuco...

E fiz esta cocada.»

**Endereço**

Todos os contratos, com a Direção. rua Grades de Ferro, 102, para onde deve ser dirigida qualquer correspondencia.

**Propósitos**

*Arco & Flexa*, tem as colunas abertas ao melhor, dos novos e velhos do Brasil, principalmente dos novos, segundo escolha pela Direção.





## “Fruta de Conde”

ROSARIO FUSCO, «o menino de ouro da poesia nova de Cataguazes», envia-nos, lá dessa celebrada cidade, o seu novo livro de poemas: **Fruta de Conde**.

Estreando em meados do ano passado, com os **Poemas Cronológicos**, em companhia de duas figuras igualmente significativas, Henrique de Rezende e Ascanio Lopes, enfrentou, assim, o período mais agudo da nossa modernidade literaria. Teve o aplauso unanime da critica competente do pais. Da critica essencialmente nobre, despida de preconceitos esdruxulos e de arbitrariedades esteticas. Aferidora do valor e do talento, onde eles estão autenticos. A critica orientadora, que tanto nos faltava, mas que, paranossa felicidade, já amanhece em nosso paiz.

Agora, surge Rosario com esta **Fruta**, saborosissima. Livro em que se demonstra, plenamente, a clara compreensão do modernismo verdadeiro do querido poeta mineiro. Como ele deve ser. Nosso. Por que ha nos seus oito esplendidos poemas,—a que não nos referimos mais particularizadamente dada a natureza de noticiario das nossas palavras,—toda a verdade lojica de sua sensibilidade artistica. Alma simples, incontestavelmente cheia dessa poesia purissima que se contem nas vibrações dos temperamentos profundamente sinceros em arte. Como admiramos e queremos a Rosario Fusco. Como tem talento e alma este «menino de ouro da poesia de Cataguazes.»

## «Banquete de Ideas»

RAFAEL BARBOSA, figura de escol nos circulos intellectuaes da Bahia, hoje actuando nas letras e na imprensa do Rio, ao lado de **Eurycles de Mattos**, o grande, o nobre, o puro **Eurycles** que é uma das fortes mentalidades bahianas em função de expoente no jornalismo novo do Brasil, como director-redactor-chefe de «O Globo», a obra monumental de Irineu Marinho,—Rafael Barbosa, ao visitar a cidade-berço, recebeu de seus amigos, intellectuaes e admiradores, em banquete de 26 de Março passado, no *SulAmericano*, uma brilhante e comovida homenagem, que repercutiu ruidosa em nosso meio social. Foi um “banquete de idéas” e nele tomaram parte muitos da intelligencia nova da Bahia, e pessoas da mais illustre representação que assim quizeram prestar ao homenajeados os testemunhos de seu apreço e da sua amizade.

A mesa foi presidida pelo dr. Gonçalo de Vasconcellos, illustre consul de Portugal neste Estado, tendo sentado á mesa: Rafael Barbosa, Carlos Chichio, Caio Pedreira, Edgard Sanchez.á Roberto Correia, Epaminondas Sepulveda, Presciliano Silva, Alberto Valença, Adroaldo Junqueira, Everaldo Cunha, Waldemiro Oliveira, Hermano Sant’Anna, José Fiel, Herman Lima, Jorge Pessôa, Arthur de Salles, Domingos Leonelli, Pinheiro de Lemos, Manuel Bezelga, Affonso Baggi, Carlos Spinola, Arthur Ramos, Ramayana de Chevalier, Queiroz Junior, Eurico Alves, Jonathas Milhomens, Agripino



de Alcantara, Pinto de Aguiar, Carvalho Filho, Djalma Cavalcante, Cicero Simões, Erasmo Borges, Antonio Mendonça, Aurides Magalhães, Boaventura Cajueiro, Ito Rocha, Souza Castro, Admar Guimarães, Pompilio Bittencourt, Sosthenes Miranda, Anísio Sant'Anna, Lafayette Spinola, T. Dias, Carlos Barbosa, Nicomedes Ferreira, Godofredo Filho, Hormindo Marques, e o pequeno Americo.

Ofereceu o banquete Carlos Chiacchio, cujo discurso abre esta revista que contém do mesmo modo o discurso-agradecimento de Rafael Barbosa.

ARCO & FLEXA, fez-se representar ao torneio rápido que se seguiu pelos novos tavolanos Pinto de Aguiar, Eurico Alves e Helio Simões, os quaes disseram versos vibrantemente aplaudidos. Foi uma festa de inteligencia e de coração. Guardamo-la no melhor das nossas recordações felizes.

### Arco & Flexa

*Arco & Flexa*, não tem, nem aceita o patrocínio de outra sociedade qualquer de artes e letras, que não seja **Tavola**, de quem reconhece o apoio moral, intelectual e material desde o seu início, conforme chancela evidente na capa de todos os seus numeros.

### Gregorio de Mattos

Quase que ao mesmo tempo em que passavam por nosso porto as 60 caixas destinadas ao monumento de José de Alencar, a ser erijido em Fortaleza, eram encontrados os pedaços da placa de marmore commemorativa do tri-

centenario de Gregorio de Mattos, mandada colocar pela Academia Bahiana de Letras, numa casa ao Cruzeiro de S. Francisco. Ninguem falou no caso. Ninguem se incommodou. Mas é preciso repôr quanto antes a homenagem. E' criminosa essa nossa brutal indiferença para mortos e vivos ilustres.

### As Questões científicas do momento

No proximo numero: Edgard Sanches, Magalhães Netto e Arthur Ramos.

### «Verde»

«*Verde*», a magnifica revista dos novos de Cataguazes, está na sua segunda fase, com o primeiro numero, que recebemos, sob a direção de Rosario Fusco, Henrique de Resende, Martins Mendes, Francisco Inacio Peixoto e Guilhermino Cesar. Redigida a capricho nos moldes recentes do modernismo brasileiro, com excelentes textos de colaboração de varios expoentes da literatura sul-americana, e artisticamente impressa, em otimo papel, pode-se afirmar que *Verde* é um dos mais belos periodicos da America. São estes os nomes dos redatores deste numero: Mario de Andrade, Maria Clemencia, José Americo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Norah Borges, Rosario Fusco, Antonio de Alcantara Machado, Peregrino Junior, Murillo Mendes, Ascenso Ferreira, Ildefonso Pereda Valdez, Martins Mendes, Guilhermino Cesar, Francisco Inacio Peixoto, Walter Benevides, Henrique de Resende e Carlos Chiacchio. O numero é dedicado á memoria querida do saudoso poeta Ascanio Lopes, de quem publica ineditos belissimos. O endereço de *Verde* é: Rua Cel. Vieira, 53, Cataguazes.



# DISTICOS

## MEDICOS

### Dr. Cezar de Araujo

CONS: RUA CHILE, 26. DAS 15 HORAS EM DEANTE. TEL. C. 1428

RES: TINGUI, 24. TEL. C. 1570 (2 CHAMADAS)

TERCULOSE, tratamento pelo pneumothorace artificial. Magnificos resultados nos casos indicados, Todos os dias uteis.

Assistente honorario de clinica da Faculdade de Medicina, medico do Dispensario, laureado com o premio A. Britto. Molestias internas, especialmente tuberculose, syphilis e impaludismo. Molestias do aparelho digestivo. TU-



### Dr. Alfredo Britto

CONS: PRAÇA DA PIEDADE, N. 11, DAS 15 HORAS EM DEANTE. TEL. G. 194

RES: BARRIS, 2—TEL. G. 106

Prof. de molestias nervosas na Faculdade de Medicina ESPECIALIDADE: molestias nervosas e mentaes.



### Dr. B. Santos Cajueiro

CONS: RUA DA MISERICORDIA, 10, A TARDE E PELA MANHAN—TEL. C. 1243 E 1367

RES: RUA DO HOSPICIO, 9

Tuberculose, impaludismo, syphilis, molestias do aparelho digestivo. Cura da tuberculose pulmonar pelos banhos de sol.



### Dr. Arlindo Miranda

CONS: CALÇADA DO BOMFIM, 55 (JUNTO A' PHARMACIA SOUZA) TEL. ROMA 84

RES: RUA AGRARIO DE MENEZES, 1 (CALÇADA)

Clinica de partos e medico-cirurgica das senhoras. Vias urinarias e syphilis. Aceita chamados a qualquer hora.



### Dr. Eduardo de Moraes

RUA CHILE, 21, — 1.º ANDAR



### Dr. Jeronymo Ferreira

CONS: PALACETE CATHARINO, SALA 30, 1.º ANDAR, DE 8 1/2 ÀS 10 1/2.

RES: INDEPENDENCIA, 20. TEL. C. 1362

Syphilis, vias urinarias, molestias venereas.



### Dr. Almir Braga

CONS: PALACETE CATHARINO, SALA 30, 1.º ANDAR, DE 16 ÀS 18 HORAS.

RES: RUA NOVA DE S. BENTO, 46. TEL. C. 2385

Cirurgia geral, vias urinarias, molestias de senhoras.



# DISTICOS

## MEDICOS

### Dr. Alvaro da Franca Rocha

CONS: TRAVESSA DE S. RAYMUNDO, 8,  
DAS 14 ÀS 16 HORAS.

RES: RUA PEDRO AUTRAN, 9. TEL. G.  
380 E 281.

Pratica da Europa. Molestias inter-  
nas de creanças e adultos.



### Dr. Arthur Ramos

CONS: RUA CHILE, 15 (PALACETE CA-  
THARINO) 1.º ANDAR, SALAS 13 E 15,  
DAS 13 1/2 ÀS 16 HORAS. TEL. C. 2106

RES: TEL. C. 810

Professor Livre de Clinica de Do-  
enças Mentaes da Faculdade de Medi-  
cina. Clinica medica, especialmente:  
doenças nervosas e mentaes de adultos  
e creanças. Doenças internas e suas  
complicações nervosas e mentaes. Sy-  
phile nervosa. Epilepsia (gotta). Psy-  
chonevroses, etc.



### Dr. João Pondé

S. PEDRO, 27

Clinica Medica.



### Drs. Augusto Vianna Junior

e

### Godofredo Vianna Junior

S. PEDRO, 6

Todos os exames de Laboratorio.



### Dr. Alvaro de Carvalho

CONS: RUA CHILE, 26, 1.º ANDAR.  
DIARIAMENTE, DAS 14 ÀS 16 HORAS.  
TEL. GARCIA 811.

Prof. Cathedratico da Faculdade  
de Medicina.

Doenças internas e mentaes.



### Dr. João Mendonça

CONS: 14 ÀS 16 HORAS, TODOS OS  
DIAS, AO PALACETE CATHARINO, SALA  
19, 1.º ANDAR. E ÀS SEGUNDAS, QUAR-  
TAS E SEXTAS; PELA MANHAN, AO  
POÇO, 69 (RESIDENCIA)

RES: POÇO DE ITAPAGIPE, 69. TELS:  
C. 563 E ROMA. 389

Especialista em doenças internas  
(adultos e creanças): Estomago-Intes-  
tinos-Figado - Pulmões - Coração -  
Rins-Syphilis - Paludismo - Beriberi.



# DISTICOS

## MEDICOS

### Dr. Sabino Silva

CONS: RUA CHILE, 16 (PALACETE CATHARINO, 1.º ANDAR, SALAS 13 E 15. DAS 8 1/2 AO 1/2 DIA. TEL. C. 2106.

Cathedratico da Faculdade de Medicina. Doenças internas, especialmente da nutrição, do aparelho digestivo e seus annexos. Coração, vasos e rins. Doenças da velhice.

© © ©

### Dr. João do O'

CONS: RUA CHILE, 16, TEL. C. 1814.  
RES: RUA BARÃO DE ITAPOAN, 1  
TEL. GARCIA 20.

Especialista em vias urinarias, syphilis, hernia, molestias internas e Raios X.

© © ©

### Dr. Vital Rêgo

CONS: RUA CHILE, 14, DAS 8 ÀS 11 HORAS  
TEL. C. 2038  
RES: RUA DA POEIRA, 78

Molestias internas de adultos.

## ADVOGADOS

Drs. Antonio Geraldo Teixeira Filho  
e  
Wenceslau Gallo

TRAVESSA DO GARAPA, 19  
TEL. C. 1847—1.º ANDAR

© © ©

### Dr. Nestor Duarte

RUA CONS: SARAIVA, 18

© © ©

Drs. Marques dos Reis,  
Clemente Mariani

RUA  
CONS.  
SARAIVA,  
26.

e  
Benicio Gomes

© © ©

### Dr. Aristides Mendes

PLANO INCLINADO, 11

## DENTISTAS

Braulio Faria

RUA  
CHILE,

e  
Cezar Barroso

N. 3  
2.º ANDAR



# ARCO & FLEXA

Mensario de Cultura Moderna



---

Endereço

—e—

Direção:

RUA

Grades de Ferro

102

---

---

ARTES

☐

SCIENCIAS

☐

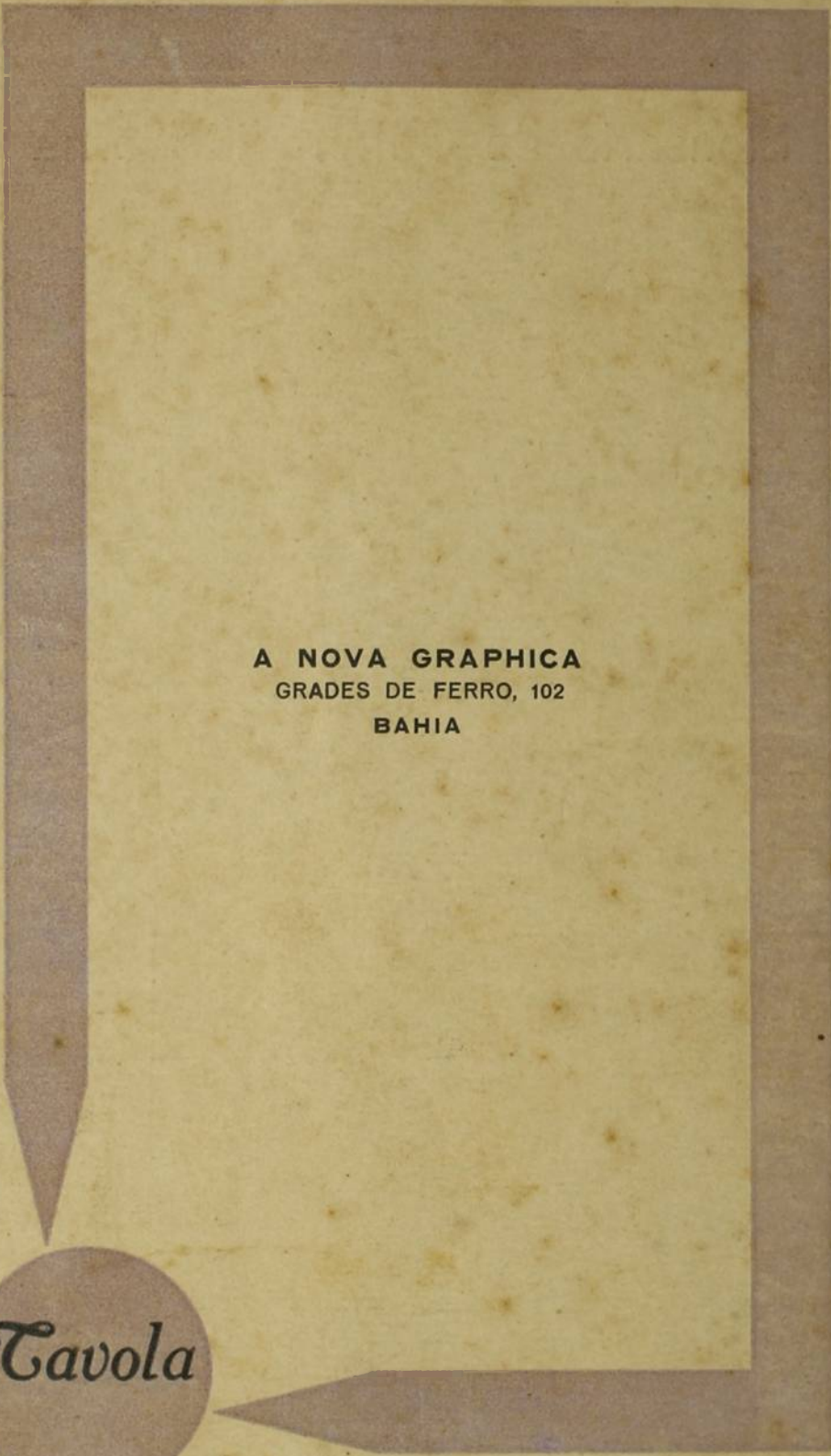
LETRAS

CRITICA

---

1\$2





A NOVA GRAPHICA  
GRADES DE FERRO, 102  
BAHIA

*Tavola*